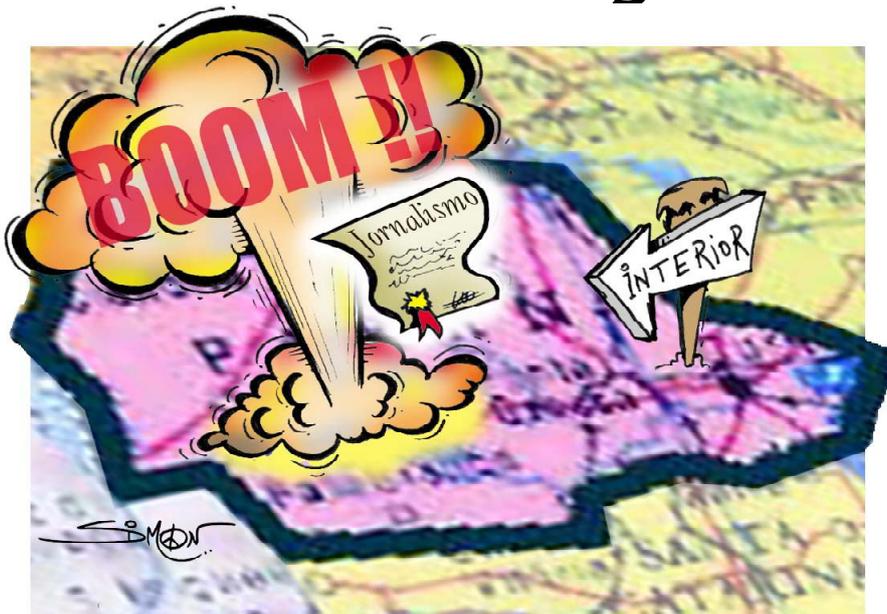




EXTRA PAUTA

Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná - Nº 47 - fevereiro/março de 2000 - ISSN 1517-0217
sindijor@sindijorpr.org.br - <http://www.sindijorpr.org.br>

A "interiorização" dos cursos de jornalismo



5 cursos
abertos no interior
em 2000

16
cursos no
Paraná

1230
vagas oferecidas em
vestibular por ano

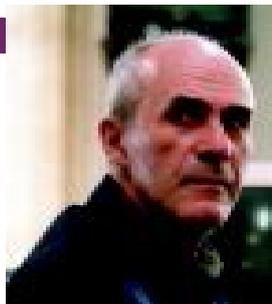
Páginas 6 e 7

Marco Damásio

Ética, trabalho e terceirização

Seminário debate a tendência da
terceirização e as questões éticas e
trabalhistas que ela traz a profissio-
nais e veículos de
comunicação.

Página 5



Memórias de um pioneiro:

Jamur Jr. conta
a história da TV
no Paraná

Página 10 e 11

Os problemas da CNT

Emissora não paga
FGTS, INSS e deixou de
cumprir 24 ações em que
foi condenada pela
Justiça do Trabalho

Página 9



Jornalista precisa ter contrato de trabalho

Nestes novos tempos de mudanças profundas, especialmente para os trabalhadores, novos conceitos de relações de trabalho vem sendo apontados como formas de combate ao desemprego. O ícone neste caso é a Terceirização, modelo quase totalmente desvirtuado no país. Desvirtuado

de várias maneiras, inclusive contra os trabalhadores jornalistas. *PJ, frila-fixo, prestador de serviço*, são algumas das denominações cinicas para contratos sem carteira registrada, sem direitos sociais (férias, 13º salário, FGTS, INSS, etc.), os quais assolam a categoria. A prática não é generalizada

no estado quando se fala em jornais e televisões, mas a tendência é que aumente nos próximos anos. Um aspecto importante a ser observado é a quantidade de jornalistas que, ao montar suas próprias empresas, passaram a "empregar" jornalistas realocando-os em outras empresas, os quais dificilmente têm

carteira registrada ou recebem o piso salarial, uma autentica exploração.

São novos tempos, é verdade. Mas a ética profissional e das pessoas não muda conforme a conjuntura econômica. Ou, pelo menos, não deveria.

O Sindicato, nesta edição do Extra Pauta, está iden-

tificando o problema. Em breve, vai apontar a direção que tomará nesta questão. Sem radicalismos, sem anacronismos, mas também sem perder o rumo da defesa dos direitos básicos dos trabalhadores jornalistas e da busca por sua dignidade profissional e qualidade de vida.

opinião

Me dá um dinheiro aí

Maurício Bevervanso

Desde os primeiros dias na universidade, longínquos sete anos atrás, a maioria dos professores alertava sobre os perigos que representavam para a classe jornalística os profissionais levianos; aqueles que, além de usarem e abusarem da tendenciosidade, imaginam ser a nobre arte de informar somente mais uma forma de obter vantagens, sejam elas financeiras ou não.

Pois bem, sete anos depois é triste constatar que eles estão aí, livres, leves e soltos e sempre levando o seu "por detrás dos panos", porque falta-lhes coragem até para reconhecer o mal que causam para toda a sociedade com suas atitudes mesquinhas e levianas.

Para alguns destes, o fato de mudarem de opinião - às vezes radicalmente-, movidos por uma certa quantidade de dinheiro deposi-

tada nas suas contas bancárias é somente mais uma contingência, afinal, "se eu não levar o meu, quem vai fazê-lo por mim". Não percebem, no entanto, o quanto esta atitude é danosa para a postura que o exercício da profissão de jornalista exige de qual-quer pessoa que queira dar uma contribuição real para a melhoria da nossa sociedade, já tão carcomida pela corrupção e pelo famoso "jeitinho brasileiro".

Este tipo de atitude, não se enganam, deixou há muito de ser exclusividade dos pequenos currais perdidos por este Brasil afora. Nos últimos 30 ou 40 anos a praga se espalhou violentamente pelas médias e grande cidades do país, e muitas vezes a população e os próprios colegas de profissão fazem vistas grossas porque também levam o seu "por detrás dos panos".

Se ninguém insurgir-se

rapidamente contra esta praga, a situação vai chegar ao limite do insustentável. Daqui a poucos todos vão estar achando "normal" ganhar uma graninha para esconder atos e fatos que, por obri-gação da profissão, deveriam ser revelados. Aproxima-se mais uma campanha política, época ideal para os "achacadores de plan-tão" fazerem a festa. E é bom que a classe jornalística esteja atenta e unida para trabalhar contra a "farra" que costuma acontecer cada vez que os interesses pessoais e financeiros sobrepõem-se à verdade. Olhos abertos moçada!

Maurício Bevervanso é jornalista. Este artigo foi publicado anteriormente no "Prensa", informativo da Delegacia de Foz do Iguaçu, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.

edita

Cooperativa dos Trabalhadores na Imprensa do Paraná - COOTIPAR

Assembléia geral extraordinária
Convocação

A Cooperativa dos Trabalhadores na Imprensa do Paraná, por este edital convoca a todos os seus membros cooperados para a Assembléia Geral Extraordinária que será realizada na sexta-feira, 24 de março de 2000, às 19:00 horas, em sua sede administrativa, à rua José Loureiro, 211, nesta cidade de Curitiba-PR.

Não havendo quórum será feita uma segunda convocação, uma hora após a primeira, com o comparecimento de metade mais um cooperado.

Ordem do dia:

Na Ordem do Dia da Assembléia Geral Extraordinária serão debatidos os seguintes temas:

- 1 - Alteração na Diretoria, com eleição de novo presidente e novo tesoureiro
- 2 - Discussão e aprovação do Regimento Interno da COOTIPAR
- 3 - Aprovação de pedidos de desligamento de cooperados
- 4 - Outras providências administrativa

Curitiba, 25 de fevereiro de 2000

expediente

Extra Pauta é Órgão de divulgação oficial da Gestão Extra Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.
Endereço: Rua José Loureiro, 211, Curitiba/Paraná. CEP 80010-140.

Fone/Fax (041) 224-9296.
E-mail: sindijor@sindijorpr.org.br
Jornalista Responsável
Emerson Castro Firmo
Reg.prof. 2230/09/1986
Redação
Alvaro Colloça

Colaboradores nesta edição
Cláudio Dalla Benetta, Maigue Gueths, Maurício Bevervanso
Fotografias
Denis Ferreira Neto, Fabio Conterno, Irany Carlos Magno, Kamel Sampaio e Marco Damásio

Ilustrações
Simon Taylor
Edição Gráfica
Leandro Taques
Tiragem
3.000 exemplares

As matérias neste jornal podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Não é de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não apresentarem, necessariamente, a opinião de sua editora.

prêmio inepar



Lançamento em 7 de abril

Eleições no Sindicato

No final de maio, em data a ser definida por uma comissão eleitoral, será realizada a eleição da nova diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. A gestão atual, iniciada em 1997, encerra no final de junho. Paralelamente serão realizadas eleições nas delegacias de Ponta Grossa, Cascavel, Foz do Iguaçu, Pato Branco/Beltrão e, pela primeira vez, em Guarapuava. As datas para inscrições de chapas serão publicadas em editais definidos pela comissão eleitoral, que será escolhida dia 14, na sede do Sindicato, às 20 horas, em Assembléia Geral.

Agora é para valer. Sindicato dos Jornalistas e a Fundação Inepar lançam no dia 7 de abril, em comemoração ao Dia do Jornalista, o II Prêmio Inepar de Jornalismo. A nova edição do Prêmio chegou a ser noticiada em outubro do ano passado pelo Extra Pauta, porém houve atraso na confecção do material de divulgação e nos ajustes do novo regulamento. A intenção é repetir o sucesso de 98, quando inscreveram-se 38 trabalhos de algumas das principais editorias do país.

“O Prêmio criou um valor agregado muito grande para as ações orientadas pela Fundação Inepar. Essa iniciativa tem um grande interesse social e combina com o nosso propósito”, diz Marcelo Catani, jornalista e gerente de Marketing e de Comunicação Corporativa da Inepar. Para o Sindicato, o Prêmio é importante porque é, ao mesmo tempo, um reconhecimento ao talento dos jornalistas e um convite à capacitação profissional. O Prêmio continua sendo o único no país em jornalismo a dotar recursos para que um

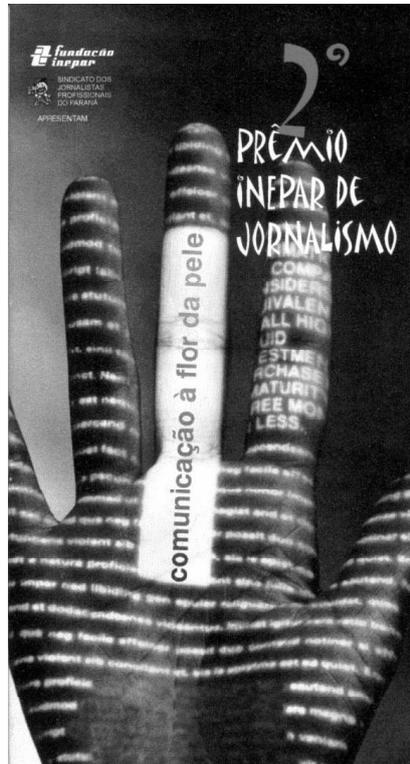
jornalista possa aplicar em sua formação.

A segunda edição

A versão 2000 do Prêmio Inepar continua com duas categorias: uma nacional, com o tema “Telecomunicações e Energia” (igual, portanto, à primeira edição) e uma regional, agora sobre o tema “Direitos Humanos”. A mudança de tema na categoria regional é uma das características do Prêmio Inepar e, com o tema atual, os promotores pretendem que pauteiros e jornalistas venham a despertar interesse na divulgação de ações pela cidadania no Estado.

Na categoria Brasil, específica à mídia impressa, o primeiro colocado receberá R\$ 5 mil, em dinheiro. Na categoria Paraná serão premiados os

Divulgação



trabalhos em reportagem escrita (jornal e revista) e reportagem em televisão. Aberta somente a jornalistas

residentes no Estado, ela oferece R\$ 1,5 mil aos primeiros colocados. O importante é que os dois primeiros colocados concorrem a R\$ 7 mil, a ser utilizado na formação profissional. Com isso, o jornalista poderá investir em cursos de formação, pesquisa, ou mesmo em viagens de estudo de sua livre escolha.

Como participar

As inscrições poderão ser feitas a partir de 7 de abril. O regulamento e a ficha de inscrição estarão disponíveis na sede do Sindicato, a partir dessa data e serão enviados a todos os jornalistas filiados. O regulamento também estará acessível via internet, na página do Sindicato. Como aconteceu em 98, os resultados serão divulgados em novembro e a entrega acontecerá em Curitiba, em solenidade pública.

foz do iguaçu

Delegacia sindical cria o “Prensa”

A Delegacia em Foz do Iguaçu do Sindicato tem seu próprio informativo desde 15 de fevereiro. Editado quinzenalmente, Prensa trouxe em seu primeiro número artigos de opinião e notícias sobre acontecimentos ligados à imprensa de Foz, bem como ações do Sindicato e da Delegacia.

“O informativo nasce com a preocupação de abrir espaço para críticas, elogios, opiniões, sugestões, tudo elaborado com seriedade e responsabilidade”, diz o jornalista Alexandre Palmar, dire-

tor da Delegacia. Outra preocupação dos editores de Prensa é estimular a reflexão sobre ética profissional, o que está explícito

na criação do cargo de “ombudsman”, a ser ocupado de forma rotativa por jornalistas da cidade. O primeiro profissional

a ocupar este cargo no Prensa será definido em reunião da categoria.

Foz e região contam com cerca de 130 jornalistas. Existem ain-

da seis jornais locais, cinco sucursais, três revistas e pelo menos 15 periódicos semanais na região.





156 trabalhos estão na disputa

Como tem acontecido desde sua criação, o Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense vem batendo recordes de trabalhos inscritos e de presença de alunos participantes. Na 5ª edição não foi diferente. Concorrem 156 trabalhos, representando seis universidades.

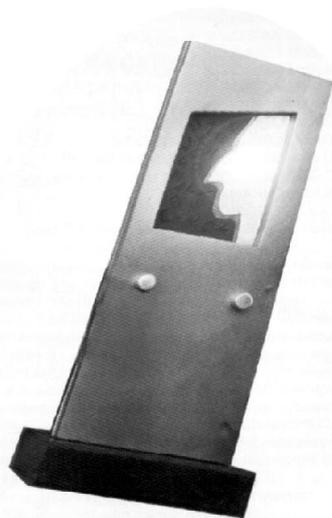
O 5º Prêmio Sangue Novo já tem um destaque: a maior participação das universidades públicas do interior: as estaduais de Ponta Grossa e Londrina. A UEPG apresentou 36 trabalhos, sendo a instituição com maior número de inscrições. Foi a UEL, no entanto, que registrou o maior número de alunos com trabalhos inscritos ao prêmio, ela que participa pela terceira vez do Prêmio. Outros destaques foram a Unicenp que, em seu primeiro ano de atividades, inscreveu 18 trabalhos, e a Pontifícia Universidade Católica, que manteve praticamente a média do ano passado, com 33 trabalhos inscritos.

Ao Prêmio poderia, no entanto, haver mais inscrições. Universidades novas como a Cesumar - Centro de Ensino Superior de Maringá - e a Uniandrade, de Curitiba, não inscreveram um só trabalho.

Reportagem impressa

Das dez categorias que compõem o Prêmio, a mais concorrida pelo segundo ano consecutivo é "Reportagem Impressa", a qual concorrem 43 trabalhos. A segunda categoria mais procurada foi a de "Projeto para Radiojornalismo", uma das ênfases da UEL que registrou 25 trabalhos inscritos.

5º Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense



Às duas novas categorias do Prêmio, "Projeto Jornalístico para Internet" e "Melhor Monografia", houve uma procura diferenciada. Na primeira categoria foram registrados dois trabalhos, enquanto que na categoria Monografia foram inscritos 13. Em "Reportagem para Televisão", a mudança do regulamento que limitou o tempo do trabalho a dois minutos, ou uma série de reportagens de dois minutos, aparentemente fez com que se reduzisse o número de inscrições. Apenas dois trabalhos concorrem nessa categoria.

Boas e más surpresas

Considerado um dos termômetros da produção acadêmica de Jornalismo no Paraná, o Sangue Novo tem suas inscrições feitas de forma espontânea pelos universitários. Com a inscrição, certamente vão as expectativas de reconhecimento, a confiança no próprio talento e na qualidade do trabalho realizado, ou mesmo o incentivo dos professores. Isso explica porque o número de inscrições é tido pelas instituições como algo importante no Prêmio, quase tanto quanto o

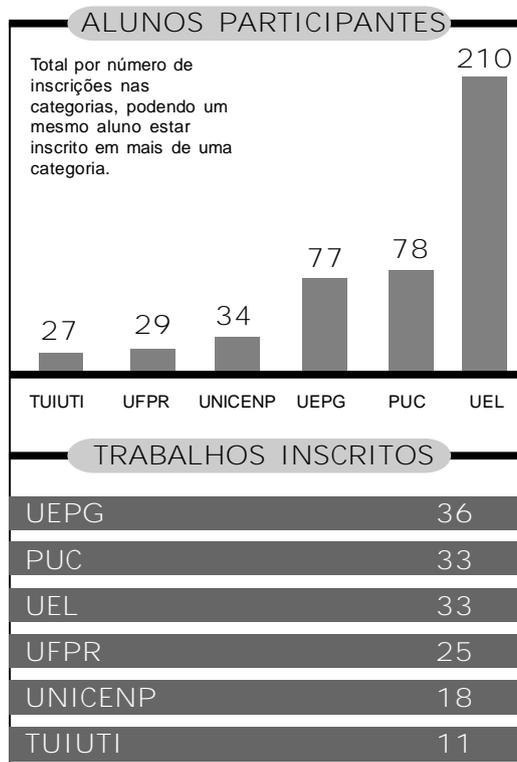
troféu em si.

Para Irvana Chemin Branco, coordenadora do curso da UEPG, a notícia de que a universidade teve mais trabalhos inscritos no ano, não poderia vir em melhor momento. "É sinal de que o nosso trabalho está tomando visibilidade. Isso é fruto de política interna do curso, de produção e desenvolvimento do ensino de jornalismo", diz.

No caso da UFPR, a surpresa foi outra. Pela primeira vez na história do Prêmio a insti-

tuição está ausente em cinco categorias, mesmo tendo trabalhos com qualidade para participar delas. "Nós tínhamos a perspectiva de um desempenho melhor que do ano passado", diz o professor Mário Messagi.

No caso da Tuiuti, o coordenador João Augusto Moliani não esperava mesmo um número alto de trabalhos inscritos "Foi para nós um ano complicado. Houve mudança da co-ordenação e se perdeu tempo para colocar o curso nos trilhos".



Patrocínio

HSBC



Apoio

GAZETA DO POVO
O GRANDE JORNAL DO PARANÁ



Realização



Sindicato dos
Jornalistas
Profissionais
do Paraná

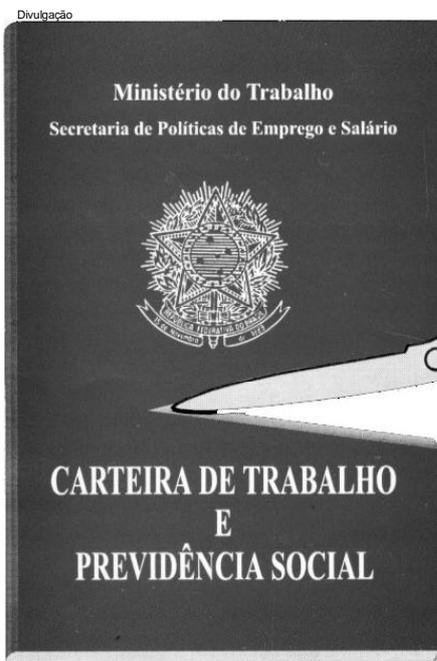


Seminário discute Terceirização

Florianópolis, 28 de fevereiro. Na sede da Federação dos Empregados no Comércio de Santa Catarina, diretores de sindicatos de jornalistas, profissionais e até um empresário de comunicação debateram “Terceirização no Jornalismo”. Primeiro evento realizado no Sul do País para discutir exclusivamente o tema, o Seminário é resultado do aumento considerável desta forma de contrato em todo o país, hoje comum em jornais, agências de comunicação, assessorias de imprensa e redes de televisão, bem como da ilegalidade da maioria das contratações.

O Sindicato dos Jornalistas do Paraná entende que algumas formas de terceirização não são lesivas aos profissionais. Entre elas, destaca o sistema de “frilance”, consagrado pelos jornalistas como um serviço eventual, ou por tempo determinado. Existe, ainda, formas de terceirização, consideradas hoje irregulares, as quais o Sindicato considera passíveis de regulamentação, desde que venham a ter contratos que garantam conquistas sociais básicas, considerando a questão sob uma ótica conciliadora das novas formas de relação de trabalho criadas no mercado.

“Na verdade, falar de terceirização depende do ponto de vista que se avalia”, diz Nelson Sato, técnico do Dieese que trabalha no Sindicato de Jornalistas de São Paulo e palestrante do evento. “Há a regular, feita por empresa constituída prestadora de serviços, e a irregular, que é o frila fixo, a falsa cooperativa, a pessoa jurídica...”. Em São Paulo, parcela considerável de revistas e jornais “terceirizaram” e até “quarteirizaram” seu pessoal, como O Estado de São Paulo, que assinou contratos especiais a alguns profissionais e os autorizou a contratarem



colegas, para editarem alguns cadernos. “O Estadão demitiu jornalistas que foram contratados por antigos colegas, para fazer as mesmas funções que faziam, no mesmo jornal”, explica Sato. O Sindicato de São Paulo quer agora saber se os profissionais estão recebendo igual e têm os mesmos direitos que no tempo em que eram funcionários do Estadão.

“PJ” forçado

Outro caso comum de terceirização em São Paulo e Rio de Janeiro é a adoção do “sistema PJ”, que é a contratação do profissional como pessoa jurídica e feita geralmente com jornalistas consagrados, que recebem mais de 10 mil reais ao mês. Ao contratar uma pessoa jurídica e não um profissional, a empresa reduz em até 80% o valor com imposto de renda e encargos sociais. Por conta do jornalista ficam impostos, benefícios trabalhistas (férias, 13º e FGTS, entre outros), além da

previdência social, custos assimiláveis quando se trata de jornalistas que recebem altos salários.

Isso se torna problema quando o “sistema PJ” é feito de forma forçada pelas empresas, a profissionais que recebem piso salarial ou pouco mais que ele. Isso ocorre na TV Bandeirantes em todo o Brasil. No Paraná, a TV Curitiba, afiliada à Bandeirantes, demitiu 13 jornalistas em setembro de 98, contratando alguns novamente, mas como “pessoas jurídicas”. A terceirização da redação de uma empresa jornalística não é legal. O caso foi denunciado pelo Sindicato à Delegacia Regional do Trabalho e à Procuradoria do Ministério do Trabalho, processo que ainda não foi concluído. A TV Bandeirantes vem também burlando a legislação ao contratar para o Departamento de Jornalismo repórteres-cinematográficos, registrando-os como cinegrafistas. Dessa maneira,

a empresa paga um salário inferior ao piso de jornalista e carga diária de oito horas.

Tráfico de mão de obra Uma forma de terceirização abusiva que vem sendo registrada no Paraná e preocupa o Sindicato, é a praticada por algumas agências de comunicação de

Curitiba. É comum que assessorias de imprensa definam com o cliente um preço pelo serviço e um profissional que irá atendê-lo. As empresas caem em irregularidade, no entanto, ao determinar que esse profissional, geralmente sem carteira assinada, passe a cumprir 5 horas diárias na sede do cliente, como se fosse funcionário do cliente, obedecendo a determinações que não são da agência de comunicação. Enquanto o profissional que trabalha 5 horas recebe mensalmente o piso ou até menos, a agência de comunicação, que só intermediou a transação, chega a retirar três vezes mais.

Para o Sindicato o problema é grave. Os jornalistas que vivem essa situação estão sendo esclarecidos sobre seus direitos, que abrangem tanto a empresa em que trabalham, quanto à contratante da prestação de serviço fraudulenta. O objetivo do Sindicato é alertar empregados e empregadores para os riscos de processos trabalhistas que inevitavelmente virão, enquanto esta forma de relação trabalhista não estiver regulamentada. Isso pode ser feito através da negociação das empresas com o Sindicato, pois é o representante legal da categoria no Paraná.

O caso de A Notícia

O principal motivador do Seminário em Florianópolis foi a polêmica criada pela A Notícia, jornal de Joinville com sucursais em diversas cidades daquele estado. O próprio diretor da empresa, Moacir Thomasi, participou dos debates e discutiu especialmente o processo em andamento no jornal.

“Em que pese o diálogo franco entre as partes, louvável, a noção de terceirização apresentada por Thomasi é questionável sob vários pontos”, disse Emerson Castro, presidente do Sindicato e que esteve no evento. “Nas sucursais em que havia repórter-fotográfico, por exemplo, este foi demitido, mas pôde ser contratado pelo jornalista terceirizado e não mais por A Notícia”, relata Emerson.

No evento foi também apontado um caso em Chapecó, onde o jornalista contratou um repórter-fotográfico por R\$ 300 ao mês, menos da metade do piso salarial local. No caso, o jornalista contratado como empresa por A Notícia, recebeu um valor pelo serviço todo, mas teve de negociar com o repórter-fotográfico.

“Isso implica em questões éticas e morais, que não podem escapar ao debate da categoria. São jornalistas impelidos por empresas a explorarem de forma aviltante colegas de profissão”, comentou Emerson Castro.



CURSOS DE JORNALISMO NO PARANÁ ...

A política de abertura de cursos de graduação feita MEC, durante o governo FHC, fez com que houvesse uma oferta acentuada de cursos de graduação no país. Só no Paraná podem até o final do ano existirem 16 instituições com o curso, o que significa 1230 vagas abertas em vestibular, mas também 116 jornalistas trabalhando como professores em 2000.

UFPR

Cidade: Curitiba
Início do curso: 1964
Vagas por ano: 30
Prof. contratados: 13
Prof. jornalistas: 5

UEL

Cidade: Londrina
Início do curso: 1975
Vagas por ano: 20
Prof. contratados: 21
Prof. jornalistas: 16

UEPG

Cidade: Ponta Grossa
Início do curso: 1985
Vagas por ano: 40
Prof. contratados: 13
Prof. jornalistas: 13

PUC

Cidade: Curitiba
Início do curso: 1986 (funcionou antes, na década de 70, até 83)
Vagas por ano: 120
Prof. contratados: 24
Prof. jornalistas: 11

TUIUTI

Cidade: Curitiba
Início do curso: 1994
Vagas por ano: 100
Prof. contratados: 40
Prof. jornalistas: 21

CESUMAR

Cidade: Maringá
Início do curso: 1998
Vagas por ano: 50
Prof. contratados: 25
Prof. jornalistas: 6

UNICENP

Cidade: Curitiba
Início do curso: 1999
Vagas por ano: 140
Prof. contratados: 17
Prof. jornalistas: 8

Mais cursos no interior

O ex-ministro da Saúde, Luiz Carlos Borges da Silveira está prestes a ser proprietário de uma faculdade de comunicação. Para tanto, basta que saía em Diário Oficial a aprovação do Ministério da Educação para que a Faculdade de Pato Branco abra o curso, o que pode acontecer ainda na primeira quinzena de março. A Fadep, criada por Borges da Silveira em sociedade com o ex-prefeito da cidade, Clóvis Padoan e o empresário João Carlos Ribeiro Pedroso, é uma das 5 instituições do interior do Paraná que passarão a ter curso de comunicação ainda neste ano.

Essa explosão de cursos era previsível, por existirem até o ano passado apenas três cursos no interior (UEL, UEPG e Cesumar), e a adoção de uma política de maior oferta de cursos de graduação pelo MEC. Além da Fadep, na região sudoeste, deverá abrir na região norte curso na Faculdade Metropolitana, de Maringá. As outras três localizam-se na região oeste: a Univel- União Educacional de Cascavel e a Unipar - Universidade Paranaense, em Cascavel, e a UDC - União Dinâmica das Faculdades Cataratas, de Foz do Iguaçu. A criação da Fadep e das três localizadas na Região Oeste deve-se às mesmas razões: a



inexistência de cursos de comunicação nessas regiões até o ano passado, o número de veículos de comunicação existentes e a quantidade pequena de profissionais com graduação em Jornalismo nessas cidades.

Mercado regional

"Nós buscamos é atender o mercado regional", afirma a jornalista Graça Milanez, coordenadora do curso na Unipar, que garante existir um número expressivo de pessoas que trabalham na imprensa

local, interessadas em ter graduação. "Pelo que me informaram, aqui em Cascavel a situação estava crítica. A maior parte dos profissionais é constituída só de provisionados", lembra Lino Tacanduva, que deixou Londrina para assumir a coordenação da Univel. "A nossa expectativa é que os graduados que formaremos fiquem na região", diz ele.

Em duas faculdades as aulas começaram em fevereiro. A Unipar, que no vestibular cometeu a gafe de não realizar provas de redação entre os candidatos, teve 73 alunos matriculados, das 80 vagas que abriu. Já a Univel conseguiu a meta de 80 alunos, distribuídos em duas turmas. A UDC, de Foz, deve iniciar as aulas em 20 de março.

Jornalistas contratados

Com os cursos, todas as faculdades contrataram jornalistas para serem professores. Na Univel foram contratados 3 jornalistas,

incluindo o coordenador Lino Tacanduva. Na Unipar, foram contratados 4, entre eles a coordenadora Graça Milanez, além de dois jornalistas como professores assistentes. A UDC, contratou a jornalista Nalú Silveira, como coordenadora, mais 3 jornalistas. A Fadep, que tem planos de iniciar as aulas em abril, já tem contratados 4 profissionais, além da coordenadora Gláise Palma. A Metropolitana, por sua vez, já firmou contratos com 4 profissionais, que aguardam como os diretores da faculdade a aprovação do curso pelo MEC.

Das novas instituições no interior, apenas duas têm tradição com ensino: a UDC, de Foz, é uma extensão do curso Dinâmico, que oferece aulas desde o primário, e a Unipar. Esta pertence ao empresário Cândido Garcia e oferece outros cursos também em Umuarama, Paranavaí, Cianorte, Guaíra e Toledo.

As outras instituições estão começando suas atividades agora. A Fadep com dois cursos - Jornalismo e Publi-cidade -, a Univel com 8, entre os quais Direito e Administração, e a Metropolitana, se o MEC autorizar, com 12 cursos.

Universidades tradicionais aumentam vagas

Pegas de surpresa ano passado com a criação dos cursos de Jornalismo da Unicenp, a Uniandrade e a Hoylern, as universidades tradicionais de comunicação no Paraná aumentaram este ano o número de vagas oferecidas via vestibular. A exceção foi a UEL, que manteve por pressão do Departamento de Comunicação Social apenas 20 vagas para o curso.

Das instituições que au-

mentaram a quantidade de vagas, a recordista foi a PUC. Ela abria 70 vagas por ano e passou a oferecer 60 por semestre, o que significa aumento de 85%. Na UFPR houve acréscimo de 36%. Em vez de 22 vagas, abriu 30. Aumento menor ocorreu na UEPG. A instituição oferece 42 vagas, duas a mais que em 1999, divididas em dois vestibulares. As turmas mantêm-se, no entanto, de 42 alunos,

pois quem passa no vestibular de inverno só começa as aulas em janeiro do ano seguinte.

Para menos

Na Uniandrade o processo foi inverso. Houve corte de 50% na oferta, porque ano passado deixou em aberto um número grande de vagas. De 100 alunos por turno, a Uniandrade passou a ter 100 por ano.

A Hoylern abriu 70 vagas neste ano, preenchendo só 30.

Repetiu-se o problema da sua primeira turma, que iniciou as aulas em agosto de 99 com apenas 10 inscritos. Isso fez a Hoylern não contratar todos os professores que previa e, também, não oferecer todas as matérias que estavam no currículo. O impasse foi solucionado por um acordo. Os alunos foram incorporados à turma deste ano, sendo que por seis meses só assistirão as aulas que deixaram de ter em 99.



Avaliação é alerta a

O MEC divulgou em 15 de fevereiro o resultado da avaliação que fez de 410 cursos de graduação, entre os quais 86 de Jornalismo. Destes, 44 obtiveram pelo menos dois conceitos insuficientes e sofrem ameaça de serem fechados. Para o ministro Paulo Renato Souza, o objetivo com a avaliação foi alertar às instituições “para que corrijam seus problemas”.

Foram avaliados no Paraná os cursos da UFPR, UEL, UEPG, PUC e Tuiuti, porque formaram turmas e haviam realizado o Provão. Destes, UEL e UEPG obtiveram os melhores resultados. A UEL teve, porém, conceito insuficiente no quesito infraestrutura. “Nós sabíamos que nisso sairíamos perdendo, porque para o MEC devem existir 15 alunos em sala de aula, enquanto temos 20”, disse a co-

ordenadora do curso Regina Escudeiro César.

A PUC contestou o MEC. Celina Alveti, coordenadora do curso, diz que soube do resultado da avaliação através da imprensa. “Nós não sabemos como tiramos insuficiente em infraestrutura. E não recebemos nenhuma carta do MEC explicando isso”, reclamou. Ela também discorda de critérios utilizados na avaliação, como o que exige que professores tenham títulos relacionados às disciplinas. O MEC não considerou, por exemplo, o mestrado de *marketing* de Zanei Barcelos, porque dá aulas de redação jornalística. Zanei trabalha diariamente com texto, em jornal.

O professor José Augusto Moliani, da Tuiuti, considerou a avaliação um retrato fiel do curso em 99. “Nós estávamos em meio a uma reforma curricular”,

AAVALIAÇÃO DO MEC					
	PUC	UEL	UEPG	UFPR	TUIUTI
Corpo docente	CR	CB	CB	CR	CR
Organização					
Didático pedagógica	CI	CB	CR	CI	CI
Instalações	CI	CI	CR	CI	CI

Conceitos: CB- condições boas; CR- condições regulares e CI, condições insuficientes

explica. Resultado ruim também era esperado na UFPR, até porque a avaliação teria sido sobre o “currículo velho”. O coordenador Mário Messagi espera que em 2001 a UFPR não tenha mais conceito insuficiente em organização didático-pedagógica. Mas reconhece que isso será difícil no quesito infraestrutura. Para ele, a UFPR carece de mais espaço para o Departamento e até de mais livros na biblioteca. “Tínhamos 17 livros. Este ano adquirimos 160. Com 160 por ano, em sete anos teremos a biblioteca que exige o MEC”, informou.

O primeiro ano da Uniandrade

A Uniandrade foi a mais criticada entre as faculdades que criaram curso de Jornalismo em 1999, a partir do fato de ter aerto 200 vagas no vestibular. O ano na Uniandrade terminou de forma tensa, com a demissão das professoras Luciana Panke e Lyrian Sponholz, que eram as únicas jornalistas contratadas para o curso.

A demissão foi em dezembro. Para Luciana Panke, foi em decorrência de um movimento formado por cerca de 40 acadêmicos no segundo semestre, que chegou a consultar a Tuiuti e a Unicenp sobre as possibilidades de transferência de faculdade. Ela avaliou as demissões de “estranhas”. “Foi uma situação injusta e política”, disse.

Para o atual coordenador do curso, o jornalista Clóvis Augusto Mello, os problemas que a Uniandrade teve em 99 podem acontecer em uma instituição no primeiro ano de atividades. “O que notei é que o pessoal estava desmotivado, mas não descontente”, enfatiza.

Clóvis explica que sua vinda à Uniandrade se deu após o comprometimento da direção em investir no curso, acordo este que está sendo cumprido. “Tudo que pedi foi feito, inclusive a contratação de mais jornalistas”, informa.

... CURSOS DE JORNALISMO NO PARANÁ

UNIANDRADE
 Cidade: Curitiba
 Início do curso: 1999
 Vagas por ano: 100
 Prof. contratados: 20
 Prof. jornalistas: 6

HOYLERN
 Cidade: Curitiba
 Início do curso: 1999
 Vagas por ano: 70
 Prof. contratados: 8
 Prof. jornalistas: 2

UNIVEL
 Cidade: Cascavel
 Início do curso: 2000
 Vagas por ano: 80
 Prof. contratados: 6
 Prof. jornalistas: 3

UNIPAR
 Cidade: Cascavel
 Início do curso: 2000
 Vagas por ano: 80
 Prof. contratados: 6
 Prof. jornalistas: 3

UDC
 Cidade: Foz do Iguaçu
 Início do curso: 2000
 Vagas por ano: 50
 Prof. contratados: 8
 Prof. jornalistas: 4

ESSEI
 Cidade: Curitiba
 Início do curso: não abriu
 Vagas por ano: 100
 Prof. contratados: 14
 Prof. jornalistas: 4

FADEP
 Cidade: Pato Branco
 Início do curso: não abriu
 Vagas por ano: 100
 Prof. contratados: 6
 Prof. jornalistas: 4

METROPOLITANA
 Cidade: Maringá
 Início do curso: não abriu
 Vagas por ano: 50
 Prof. contratados: 10
 Prof. jornalistas: 5

UNIBRASIL
 Cidade: Curitiba
 Início do curso: não abriu
 Vagas por ano: 100
 Prof. contratados: 5
 Prof. jornalistas: 5

Danilo Cortês volta com a Essei

Carlos Danilo Costa Cortês está mais uma vez envolvido com ensino de Jornalismo. Fundador do primeiro curso no Paraná, o da UFPR, em 1º de abril de 1964, onde por 34 anos coordenou o Departamento de Comunicação Social, ele criou a Faculdade ESSEI - Ensino Superior Sócio-empresarial Integrado, que depois de 14 anos atuando no ensino da informática, abriu cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV e Produção Editorial/ Digital, este específico para a criação de páginas da internet.

Empreendimento no qual o Professor Danilo tem como sócios seu genro, Joaquim Valverde, e a filha Yara Cor-tês Valverde, a ESSEI está instalada no centro de Curitiba,

na Av. Sete de Setembro, 3457. A família aposta em alguns diferenciais para a ESSEI se firmar no mercado, como o conceito “unidade-aula”, em que os professores abrem a cada aula um debate com os alunos sobre os temas apresentados, e o uso dos computadores UNIX, ao invés de Windows. A faculdade dispõe, ainda, de um estúdio com ilha de edição digital, que vem sendo utilizado para o programa sobre saúde que a ESSEI manteve por um ano na TV Exclusiva e por terceiros. O professor Danilo

espera para este mês a aprovação do curso pelo MEC, sendo que as aulas iniciam em agosto. Estão previstas 100 vagas, em dois turnos: 50 pela manhã, 50 à noite. Situação semelhante vive a Unibrasil - Faculdades Brasil -, que aguarda a aprovação do MEC para iniciar o curso e abrir em agosto 50 vagas, em seu primeiro vestibular.

EP - *O que o senhor está trazendo da sua experiência na UFPR para a Essei?*

Prof. Danilo - Primeiro é a vivência com alunos e com os currículos e disciplinas. E corrigindo as falhas que têm lá. Lá o equipamento que tínhamos era velho, arcaico. Aquela ilha lá, meu Deus, serve só para alguma coisa. Essa vivência de 34 anos lá, serviu para corrigir e aproveitar na parte técnica, no currículo que tem bastante informática...



Marco Damasio



balanço 1999

As finanças do Sindicato

Entre receitas e despesas, em 1999, como demonstra o balanço aqui publicado, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, apesar das dificuldades, permanece sem dívidas, e com pequena reserva em caixa. Vale destacar, foi a previsão permanente da necessidade de reserva que garantiu essa condição no período. Observando exclusivamente arrecadação - R\$ 219.576,08 - e gastos - R\$ 236.128,05 - nos 12 meses, observa-se um déficit de R\$ 16.557,97. Entretanto, a reserva - R\$50.972,37 - anteriormente citada e originada em superávites nos anos anteriores, garantiu o encerramento do exercício não só com todas as obrigações saldaadas, quanto com a manutenção de parte dessa reserva - R\$ 6.723,25.

Outro detalhe a ser observado com atenção é o volume de arrecadação via serviços prestados, patrocínios dos eventos promovidos pelo Sindicato em Curitiba e nas cidades do interior, via delegacias; e de publicidade para o jornal Extra Pauta. Isso faz parte de uma política da diretoria, que procura cada vez mais desonerar o associado dos custos de manutenção do seu Sindicato.

Vale citar, as dificuldades experimentadas no ano passado foram originadas ao definir-se, coerentemente, a não cobrança da reversão salarial (2% em dezembro de 1998 e 2% em junho de 1999) na medida em que não se firmou convenção coletiva ou acordos salariais em 1998. Com a convenção coletiva assinada em 1999, e a volta da contribuição da reversão salarial, as finanças do Sindicato retornarão ao mesmo nível dos anos anteriores.

A Diretoria

SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO PARANÁ C.G.C. nº 76.719.574/0001-86 RUA JOSÉ LOUREIRO, 211 BALANÇO PATRIMONIAL PERÍODO 01.01.99 A 31.12.99			
ATIVO		PASSIVO	
ATIVO CIRCULANTE	18.036,03	PASSIVO CIRCULANTE	386,85
CAIXA E BANCOS	6.783,25	OBRIGAÇÕES SOCIAIS A PAGAR	386,85
CRÉDITO DE TERCEIROS	2.799,70		
IMPOSTOS A RECUPERAR	2.856,78		
SALDO DELEGACIAS REGIONAIS	5.596,30	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	34.414,40
ATIVO PERMANENTE	16.765,22		
INVESTIMENTO	1.395,00	RESULTADO	
AÇÕES COOPERCOM	1.395,00	SUPERÁVIT EXERCÍCIOS ANTERIORES	50.972,37
IMOBILIZADO	15.370,22	DÉFICIT EXERCÍCIO 1999	-16.557,97
EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA	8.736,87		
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	3.494,41		
EQUIPAMENTOS DE COMUNICAÇÃO	1.040,55		
DIREITO USO TELEFONE	2.297,92		
BIBLIOTECA	4.301,82		
(-) DEPREC. ACUMULADA	-4.501,35		
TOTAL DO ATIVO	34.801,25	TOTAL DO PASSIVO	34.801,25

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO 01.01.99 A 31.12.99

RECEITAS		DESPESAS	
OPERACIONAL	218.551,11	OPERACIONAL	231.486,21
CONTRIBUIÇÃO SINDICAL	21.695,91	PESSOAL/ENCARGOS	75.284,50
CONTRIBUIÇÃO CONFEDERATIVA	66.667,51	SERVIÇOS TERCEIROS	65.729,99
ANUIDADES	28.875,22	MANUTENÇÃO	4.315,87
MENSALIDADES	18.057,75	MATERIAL EXPEDIENTE	6.882,96
CARTEIRA IDENTIDADE	9.297,99	TRANSPORTE	1.081,43
RATEIOS	5.558,27	NÚCLEO ASS. DE IMPRENSA	115,05
ANÚNCIO JORNAL EXTRA PAUTA	19.310,00	JORNAL EXTRA PAUTA	19.570,59
PATROCÍNIO	44.000,00	PRÊMIO SANGUE NOVO	2.403,26
ENC. DRT	1.276,56	CAMPANHA SALARIAL	2.412,76
RESERVA AUDITÓRIO	1.155,00	CICLO DE IDÉIAS	18.144,09
BALANÇO PATRIMONIAL PERÍODO 01.01.99 A 31.12.99	1.000,00	CONGRESSOS/SEMINÁRIOS	17.887,43
XEROX	474,58	REPASSE FENAJ	3.322,40
VENDA DE CAMISETAS	76,00	FENAJ - CARTEIRA DE IDENTIDADE	6.100,00
VENDA DE LIVROS	51,00	MENSALIDADE DIEESE	1.940,91
VENDA DE CONVITES/INGRESSOS	871,50	DESPESAS DELEG. REGIONAIS	2.212,90
LIGAÇÕES TELEFÔNICAS	132,02	OUTRAS DESPESAS	4.082,07
OUTRAS RECEITAS	51,80		
RECEITA FINANCEIRA	1018,97	DESPESAS FINANCEIRAS	4.641,84

TOTAL DAS RECEITAS 219.570,08 TOTAL DAS DESPESAS 236.128,05

RESULTADO DO PERÍODO - DÉFICIT -16.557,97

SALDO BANCÁRIO JANEIRO 1999 - R\$ 29.177,90 DEZEMBRO 1999 - R\$ 6.783,25

DELEGACIAS	REPASSE	DESPESA	SALDO
Delegacia de Campos Gerais	1.122,75	2.658,23	927,18
Patrocínio Delegacia Campos Gerais	1.454,00	-	-
Delegacia do Sudoeste	900,00	653,90	991,31
Delegacia de Cascavel	1.311,05	-	3.102,06
Delegacia de Foz do Iguaçu	730,52	354,74	575,75



CNT não paga FGTS, INSS...

A CNT - Central Nacional de Televisão - não deposita o FGTS dos seus trabalhadores, não paga INSS e está em débito com a Fazenda Pública (Estado, Município e União). Na Justiça do Trabalho há, ainda, o registro contra a empresa de quase 200 reclamações, só em Curitiba. A empresa da Família Martine é um dos veículos de comunicação cujo nome mais aparece em ações trabalhistas no Estado, tendo sido processada pelo Sindicato por conta da posse indevida da contribuição confederativa, que por anos foi descontada de jornalistas e não repassada à entidade.

Contra a CNT foram notificadas nos últimos cinco anos 199 reclamações trabalhistas. Destes processos 81 foram arquivados, o que significa que houve acordo ou desistência dos reclamantes, e 1 foi devolvido ao reclamante. Ainda pesam contra a CNT 97 processos, sendo que 24 foram executados e não pagos e 73 estão em andamento, dois dos quais ajuizados coletivamente. Os processos executados são geralmente os mais antigos: nove deram entrada na Justiça do Trabalho em 1995, cinco em 1996, oito em 1997 e dois em 1998.

Não bastassem as reclamações na Justiça do Trabalho, contra a CNT na Justiça Federal existem 78 processos: dívidas com o fisco, com o INSS e a Caixa Econômica Federal. Na Fazenda Pública do Paraná há 11 pedidos de execução, nove da Prefeitura de Curitiba, sendo que a maioria refere-se ao não pagamento de ISS. A empresa tem, ainda, títulos protestados. Dois deles são do apresentador Clodovil Hernandes, que trabalhou na CNT, cada qual no valor de R\$ 41.888,20. Clodovil chegou a pedir a falência da emissora na 4ª Vara da Fazenda Pública. Esse

pedido corre o risco de não dar em nada, porque não existe processo de falência para emissoras de TV, por serem elas concessionárias de um espaço cedido pelo Governo. O que há é liquidação judicial e perda da concessão.

Acordos descumpridos

A principal razão dos processos de jornalistas contra a CNT deve-se ao fato dela não depositar o FGTS, tendo sido por isso várias vezes denunciada pelo Sindicato. Essa irregularidade leva praticamente todos os funcionários da empresa a recorrer à Justiça do Trabalho, quando deixam a emissora. Derrotada, a CNT tem adotado como tática a demora em saldar as dívidas, quando não faz oferta de produtos, como antenas de TV e outros objetos. Algumas ações só foram pagas, porque a Justiça conseguiu bloquear o dinheiro

em conta corrente.

Atualmente dirigida por Flávio Martinez, a CNT tem sua imagem muito ligada ao irmão e deputado federal José Carlos Martinez, que hoje preside nacionalmente o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e foi diretor-presidente da empresa. José Carlos Martinez tem discurso afinado com o

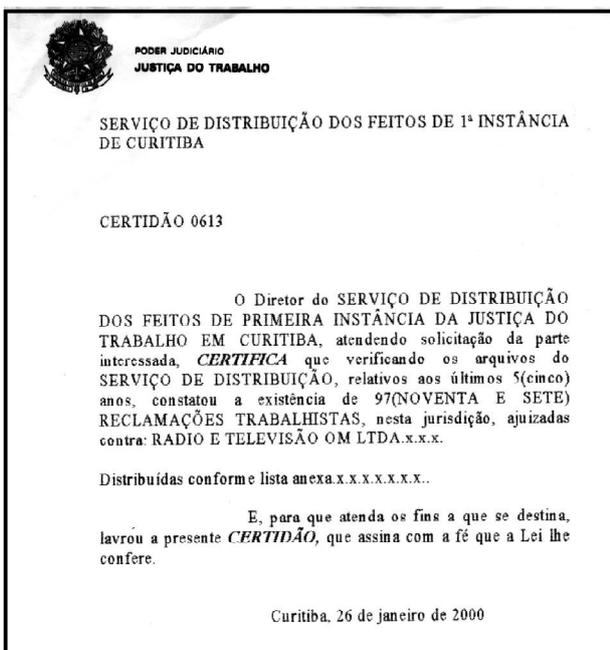
trabalhismo de Getúlio Vargas, do qual se diz herdeiro. A questão que fica no ar é: será que o deputado está ciente dos processos trabalhistas que existem contra a emissora? Indagado pelo Sindicato, em um fax emitido em 29 fevereiro, o deputado até o momento não respondeu a pergunta.

Sem resposta

O Sindicato dos Jornalistas entrou em contato com a direção da CNT e o deputado federal José Carlos Martinez, que foi diretor-presidente da emissora, em 29 de fevereiro comunicando-lhes que estaria publicando matéria sobre os problemas trabalhistas da emissora e oferecendo espaço para que eles expusessem a versão deles para os fatos.

No comunicado, o Sindicato pergunta as razões que levaram a CNT a não cumprir acordos na Justiça do Trabalho, se a empresa tem enfrentado problemas financeiros, a ponto de não pagar inclusive débitos com a Prefeitura de Curitiba e a Justiça Federal; o motivo de não depositar FGTS aos seus jornalistas, e se é do conhecimento do deputado José Carlos Martinez a situação administrativo-financeira da emissora. Finalmente, pergunta se a empresa comprova ou contesta o levantamento realizado pelo Sindicato.

O Sindicato fez este contato por meio de fax e correspondência, não recebendo qualquer resposta da diretoria e do deputado.



gazeta do paraná

Fiscalização do MT

Fundamentada no lucro a qualquer preço, mesmo que ferindo a ética profissional e a legislação trabalhista, o jornal Gazeta do Paraná recebeu em 29 de fevereiro uma fiscalização do Ministério do Trabalho. A visita dos fiscais do MT deveu-se a uma solicitação do Sindicato, motivada pelo

fato da diretoria do jornal recusar-se a receber cartas de notificação da entidade.

Por duas vezes a entidade buscou marcar uma audiência com a diretoria da empresa no Ministério do Trabalho. A primeira carta, enviada pessoalmente por um funcionário do Sindicato à sucursal em Curitiba, foi

recusada. O Sindicato enviou, então, uma carta registrada, igualmente refutada pelo jornal. Não restou outra alternativa, que solicitar ao Ministério do Trabalho a realização da fiscalização.

A Gazeta do Paraná apresenta várias irregularidades. Contrata jornalistas sem carteira assinada, mantém em

suas redações falsos jornalistas, não paga hora extra, não deposita o FGTS dos trabalhadores e dá o calote no INSS. A empresa também não cumpre acordos salariais e, no momento de demitir um funcionário, recusa-se a fazer a rescisão em 10 dias, o que determinado por lei.



Jamur Jr. não é apenas um dos pioneiros da televisão paranaense, mas um dos seus profissionais mais conhecidos. Radialista desde os 14 anos- começou na Rádio Ipiranga, de Palmeira- veio a Curitiba em 53 e trabalhou em diversas rádios até surgir a televisão, em 1960. Esteve em praticamente todas as emissoras de Curitiba, tendo, porém, sua imagem mais ligada à TV Iguazu- Canal 4, onde apresentou "O Show de Jornal", de 67 a 75. Hoje, dividindo com o jornalista Hugo Sant'anna uma coluna política de "O Estado do Paraná", ele está concluindo um livro sobre a história da TV no estado, que terá texto final de Sant'anna e Sandra Pacheco. O livro era para estar pronto ano passado, em homenagem a dois profissionais fundamentais nestas memórias que passavam por momentos difíceis: Mário Vendramel e Osni Bermudes.

Vendramel faleceu em 8 de fevereiro, por coincidência,

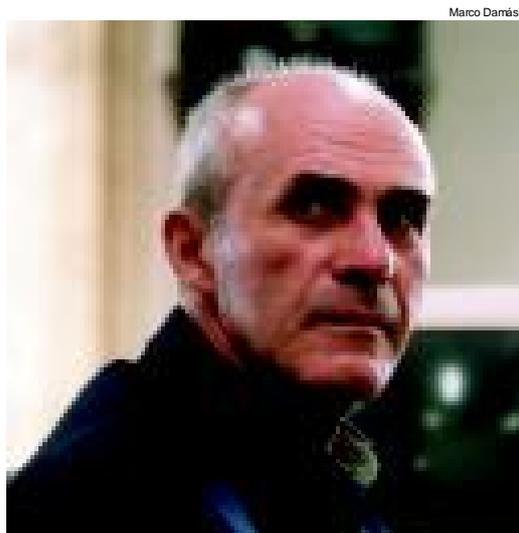
Jamur Jr.: memórias da TV no Paraná

Extra Pauta- *Há muita história para contar sobre a TV no Paraná?*
Jamur Jr. - Dá um livro. A televisão no Paraná, na verdade, começou em 1954. Inaugurada efetivamente como emissora comercial, em 1960. Em 54, um grupo de políticos e empresários formou a Rádio e Televisão Paraná S.A. e começou a fazer exibição de televisão em circuito fechado. Eles montaram um estúdio no Edifício Garcez, onde era o Instituto Brasil - Estados Unidos e, de uma câmera lá em cima, saía um cabo coaxial que levava a imagem a um único aparelho, que ficava na vitrine das Lojas Tarobá. Então, faziam entrevistas e o público vinha da rua ver a vitrine. Eles faziam aquilo para estimular a venda de ações dessa empresa. Atrás disso estava o Assis Chateaubriand, que encaminhou para cá um cara chamado Francisco Aguiar, sobrinho do Amador Aguiar, que naquele tempo tinha a Casa Bancária Amador Aguiar. Essa foi a forma de estimular a venda das ações e venderam muitas ações. EP- *Que empresários estavam neste negócio?*

Jamur Jr. - Quem estava nisso era o Raul Vaz, o Nagib Chede e outros empresários que não me lembro. O Nagib trouxe o pessoal de rádio dele (a Rádio Emissora Paranaense) para fazer isso. O Dide Bettiga apresentava e fazia entrevistas, daí um cara tocava piano, o Vinicius Coelho fazia algo de esporte, entrevistava o Fedato, os craques da época...

EP- *A primeira emissora de TV, de fato, foi inaugurada quando?*

Jamur Jr. - Foi o Canal 12 (Rede Paranaense de Televisão), no dia 28 de outubro de 1960. A programação básica era filmes de série americanos,



De protagonista a narrador: Jamur Jr. está escrevendo a história da TV no Paraná

como o "Perry Mason", "Aventura Submarina", "Rin-Tin-Tin" e programas locais. O primeiro jornal no Canal 12 chamava-se "O Estado do Paraná na TV", um convênio entre o jornal "O Estado do Paraná" e a televisão. Quem apresentava era eu, Alcides Vasconcelos, Flávio Menghini e Moacir Gouveia. Depois veio "A Tribuna na TV", que foi o primeiro programa ao meio-dia. E havia os programas infantis da tarde e o "Jantando com as estrelas", que foi muito famoso. O Kar Maia, que era mágico, entrevistava gente detrás de uma mesa, às oito horas da noite, em que serviam mesmo o jantar. Então havia um cantor, um político, pessoas representativas... Ele era ilusionista e engraçado, porque tinha péssima memória. Então, chegava assim: "Caros telespectadores, hoje temos uma figura extraordinária da música brasileira, um sambista formidável...", e esquecia o nome do

cara. Então, dizia: "Mas, como é seu nome?"

EP- *Qual foi o primeiro programa a ir ao ar no Canal 12?*

Jamur Jr. - Foi filme. Depois, foram colocando as coisas, devagarinho. O Canal 12 teve uma dificuldade muito grande, porque o Nagib Chede se valeu da equipe que tinha no rádio para montar a equipe de TV. Já a Associada, que inaugurou em 19 de dezembro do mesmo ano, em 60, veio com respaldo de toda a Rede Associada, que era a TV Tupi de São Paulo, a Tupi do Rio... A Associada aqui era a TV Paraná (Canal 6). Para eles, foi muito mais fácil, tanto é que entraram valendo e dominaram a audiência na época, porque tinham *know-how*, profissionais melhores, produção melhor. E tinham intercâmbio com São Paulo. Vinham artistas de lá. O Júlio Rosemberg tinha um programa e a todo o programa vinha um artista. O Roberto Carlos, por exemplo, começou a aparecer em Curitiba, no pro-

grama do Júlio Rosemberg. Na TV Paranaense, não. O pessoal ficava garimpando coisas, descobrindo como se fazia e, assim mesmo, o que fizeram foi magnífico. A TV Paranaense era no último andar do Edifício Tijucas, 20º andar, na kitinete do Nagib Chede, que também comprou a do lado e fez um estúdio, com pé direito baixo e painéis de mil watts. A TV era toda ali: o estúdio, pequenino e uma outra sala para o corte. Havia mais duas ou três salinhas, que era onde ficava o almoxarifado e o pessoal trocava de roupa. E o pessoal fazia teatro lá em cima, subia com sofá-cama para fazer encrenca desgraçada. E subia com sofá-cama para fazer comercial ao vivo. Era tudo ao vivo, não havia *video-tape*.

EP- *Como era o jornalismo naquela época?*

Jamur Jr. - A gente recebia um calhamaço de notícias, mimeografado. E dividiam: "Cinco para você, cinco para você"... Eu recebia aquela papelada e lia aquilo. Era como rádio, mais nada. Depois, melhorou um pouquinho: começaram a colocar filmes mudos, em preto e branco, para ilustrar algumas notícias. Basicamente era você e as câmeras. Daí a importância que tiveram os locutores de rádio. A televisão ia buscar para seus quadros de apresentadores os melhores locutores: Alcides Vasconcelos, Haroldo Lopes, Moacir Gouveia, Mário Bittencourt, Sérgio Luiz Piccheto, William Sade, Herlon Garcia, Flávio Menghini... E era o mesmo padrão, porque todo mundo usava aquela voz empostada, fazendo a leitura como se fazia no rádio. Só que na televisão, um ou outro usava mais a expressão fisionômica. No "Show de Jornal", no Canal



4, em 67, nós inovamos isso, dando um pouco mais de liberdade para interpretar a notícia. Então, eu fazia papel até de ator. A gente interpretava aquele texto, não lia.

EP- *Os telejornais duravam quanto tempo, aproximadamente?*

Jamur Jr.- Eram de 30 a 45 minutos: muito longos. Tinha jornais mais curtos: o "Em primeira mão", do Canal 4 e, na Associados, o "Telenotícias Transparaná", que eram jornais de 10, 15 minutos. E havia programas de entrevistas e debates. Existia muito isso, porque enchia espaço. Quando se "pegava" um cara para entrevistar, ficava uma hora com ele no ar. Havia espaço disponível e tinha mesmo que usar.

EP- *O principal telejornal do Paraná em termos de inovação foi o "Show de Jornal"?*

Jamur Jr.- O "Show de Jornal" não era um jornal comum, que se fazia convencionalmente. O Ducastel Nycz, o Adherbal Fortes, o Renato Schaitza, o Roberto Maranhão, o Hélio Puglielli... esse pessoal produzia uma peça de teatro, um diálogo entre os apresentadores. Era uma coisa bem descontraída, uma linguagem coloquial, uma negócio formidável. O que era o telejornal? Como não havia ilustração, não tinha *video-tape*, não tinha nada, era o apresentador interpretando um texto e se comunicando com o telespectador. A gente tinha que ter grande empatia e o texto favorecia isso, um texto de qualidade extraordinária, que nunca mais apareceu nada igual.

EP- *O "Show de Jornal" foi o primeiro telejornal paranaense a ter problemas com censura?*

Jamur Jr.- Foi porque era opinativo e tinha um tom muito crítico. Esse compromisso que tinha com a comunidade, procurou-se manter durante o período em que ficou no ar. Foi difícil e custou muito para todo mundo. Foram muitas horas de "pito" no quartel, na Polícia Federal... E eles (os militares) mantiveram durante muito tempo uma vigilância apertada, a ponto de colocar dentro da redação um censor. Durante muito tempo o redator tirava a

lauda da máquina, jogava numa mesa e o cara vinha e dizia o que não podia ir ao ar.

EP- *A audiência chegou a 80%?*

Jamur Jr.- Foi o maior índice de audiência na história da televisão: 85%. Ele ia ao ar sempre às dez e meia da noite e ficou de 1967 a 1975. Inclusive, naquele tempo, a Globo insistia em acabar com as emissoras regionais e colocar só os jornais deles. O Armando

EP- *Você estava na TV Iguaçu, em 1975, quando a concessão da Globo foi destinada à Rede Paranaense. Como foi a reação dessa mudança na TV?*

Jamur Jr.- A TV Iguaçu, em um primeiro momento, perdeu muito. Depois se recuperou bem. Quando ela conseguiu transpor barreiras impostas pelos militares e a política naquele tempo, eles não permitiam que a empresa aqui

e, de acordo com o texto que ela fazia, ia para o ar. Ela não aparecia. Depois, veio uma câmara sonora: a CP 16, um trambolho. Mas aí, o locutor falava e aparecia, só que havia as mesmas dificuldades. Tinha que tirar o filme dali, revelar, cortar, emendar... E só se podia marcar duas matérias, mais que isso não dava.

EP- *Sobre a televisão no Paraná nos anos 80 e 90? O que houve de*

6 e que se chamava "Café com Leite". Depois, quando vim para o Canal 4, eu trouxe o Algaci Túlio para fazer três minutos, dentro do jornal. Aí ele foi crescendo e já apareceu o Ricardo Chab. O Algaci saiu e foi para outro canal, com programa dele. Aí entrou o Chab no lugar dele, que também era repórter e acabou ganhando programa. E hoje o que nós temos: eles e os jornais da Globo, locais. Mas, o que pega mesmo nas outras emissoras é o repórter policial. EP- *Sobre o modelo dos telejornais paranaenses nos anos 70 e 80, eles ficaram mesmo parecidos com o Jornal Nacional?*

Jamur Jr.- Todo mundo sempre procurou se basear no Jornal Nacional. Até os repórteres têm a mesma postura e fazem exatamente igual: decoram quatro linhas do texto, aparecem na frente... E aquela coisa ensaiada, porque a Globo faz tudo ensaiado, tudo é novela. Eu, particularmente, sou contra isso. Não se pode tirar a criatividade do repórter, mas tem que permitir que ele realize a coisa como vê e como sabe. A Globo se firmou com o Jornal Nacional, aí todo mundo achou que deveria ser daquele jeito.

EP- *Hoje qual é o melhor telejornal do Paraná?*

Jamur Jr.- Eu considero o do almoço, na Globo (Paraná -TV Primeira Edição). Eu acho que eles pecam um pouco no produto final. Eu sempre achei que é fundamental uma boa apresentação, porque a credibilidade do jornal quem dá é o cara que aparece na frente da câmera. O problema é que tem de ter mais peso, não pode ficar muito colegial. Aquela descontração que eles querem imprimir chega a ser algo colegial demais. Mas o jornal está bem feito. Eles têm uma grande vantagem: os pauteiros, o texto e os repórteres são muito bons.

EP- *O livro que você está escrevendo deve contar a televisão do Paraná até que época?*

Jamur Jr.- Até os anos 90. O livro é mais para registrar aquela coisa pioneira da televisão. Depois, é outra história.



Primeira imagem ao vivo do canal 4 no ar, em 1967: Lota Moncada e Jamur Jr. apresentando o que viria a ser o "Show de Jornal"

Nogueira e a Alice Maria insistiram nisso. Uma vez o pessoal os convidou para vir aqui, verem o jornal. Ficaram dois dias, acomodaram a redação e viram a edição do jornal. Então, volta-ram para o Rio de Janeiro di-zendo: "Vocês tem razão, o jornal de vocês não pode sair do ar, é melhor que o nosso". E era mesmo.

EP- *O "Show de Jornal" foi ao ar em 67. Os primeiros problemas com a censura começaram quando?*

Jamur Jr.- Em 70, quando o Paulo Pimentel deixou o governo. Anteriormente tivemos problemas, mas foram contornados porque o dono da emissora era governador. Quando ele deixou o governo e entrou Haroldo Leon Peres, aí a coisa ficou feia, porque houve uma verdadeira guerra do Leon Peres contra o Paulo Pimentel. Esse foi um período difícil.

fizesse contrato com mais ninguém. Tanto é que nós fizemos aqui, durante muito tempo, programas locais. A gente enchia a noite inteira com entrevistas e programa musical. A emissora, durante algum tempo, tentou fazer um contato com o Sílvio Santos. Ele foi chamado em Brasília e mandaram dizer que não. Nós ficamos sem programação. Depois as coisas começaram a melhorar, suavizar e foi possível fazer um contrato com o SBT e a emissora subiu novamente.

EP- *A entrada dos repórteres nos telejornais se deu com o video-tape?*

Jamur Jr.- Não, antes disso já tinha repórter. A Adélia Lopes era repórter com câmera muda. Ela saía com o cinegrafista, presenciava a cena, ia para a máquina e fazia um texto daquilo. Aquele filme era revelado, montado, metrificado

importante nessas décadas?

Jamur Jr.- Este é o período das grandes redes formadas. E quando formaram as grandes redes, elas ocuparam o espaço da programação regional. Então, as emissoras locais começaram a perder um pouco o contato com a comunidade. E começaram a usar o espaço disponível mais para esses programas policiais, que entraram na moda. Em quase todos os jornais tinha alguém falando de violência dentro dele. Esses repórteres começaram participando de jornais e acabaram tendo programas próprios, passaram a ser os mais importantes na estrutura de jornalismo na emissora. Em 75, levei para a televisão o Algaci Túlio. Ele era repórter esportivo. Foi para o primeiro programa em Jornalismo, às 7 horas da manhã, feito no Canal



Lista negra em Ponta Grossa

Uma matéria publicada pelo colunista Léo Passetti, no *Jornal da Manhã*, de Ponta Grossa, em 25 de janeiro, fez com que o Sindicato dos Jornalistas denunciasse ao Ministério Público do Trabalho 17 proprietários e diretores de veículos de comunicação da cidade, entre eles Passeti. Eles iriam, segundo informou o colunista, em jantar de confraternização no dia seguinte, criar um banco de dados sobre profissionais, no intento de se protegerem “contra pessoas de má fé que trabalham nos veículos de comunicação e em seguida entram com reclamações trabalhistas”.

Criar “listas negras” sobre profissionais, atenta contra a democracia e as garantias individuais e coletivas dos trabalhadores, garantidas na



Constituição. O caso tem como agravante, o modo com que foi informado e que reflete o desdém dos patrões aos direitos trabalhistas e à própria ação do Ministério do Trabalho.

“Os bons profissionais terão as portas abertas. Àqueles que estão acostumados a correr ao Ministério do Trabalho, as portas cada vez mais se fecharão”, noticiou Passeti. A nota encerra com uma outra informação que preocupou o Sindicato: “a princípio o banco de dados será de Ponta Grossa e região, e posteriormente vai se estender para o Estado”.

Foram denunciadas pelo Sindicato as pessoas que haviam confirmado presença ao jantar, segundo a própria notícia do colunista. São: Leandrina de Castro Horst, do

Jornal da Manhã; Adail Inglês, do *Diário da Manhã*; Mauro Vieira, do *Diário dos Campos*; Manoel Osório Taques, da *Rádio Clube Pontagrossense*; Paulo Ianoski, da *Rádio Difusora*; Francisco Carlos Bach, da *Rádio Sant’ana*; Natália Sâmara, da *Rádio Lagoa Dourada*; Sandro Alex de Oliveira, da *Rádio Mundial*; Mário Martins, da *Rádio Tropical*; Iraci Trevisan Rosa, da *Rádio Vila Velha*; Gerson Senior, da *Rádio Nacional*; Rogério Serman, da *Rádio Central*; Amarilis Soares, da *Televisão Esplanada (Rede Globo)*; Paulo Eduardo Goulart Neto, da *Produtora Oz*; Sílvyo Duarte, da *Terra Verde Produtora*; Júlio Salles Rosa, da *VS Propaganda*, e o próprio colunista, Leocir Passeti, da *Televisão Cidade*.

veículos

Abert ataca as rádios

Quem ouviu rádio neste início de ano, certamente reparou na campanha realizada pela Abert – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV-, que acusa a existência de 8 mil rádios clandestinas no país. Na campanha, que custou US\$ 10 milhões, a Abert acusa as rádios de interferirem em sistemas de controle de voo de aeroportos, sistemas de rádios de embarcações, hospitais, ambulâncias, corpo de bombeiros, empresas de cargas e veículos, telefonia fixa e móvel e radiodifusão de sons e de bips.

“É tudo mentira”, diz Francisco Sant’ana, vice-presidente da Federação Internacional dos Jornalistas. Na sua opinião, está ocorrendo um desvio de patrocinadores para as rádios comunitárias, consideradas clandestinas pela Abert, que em sua maioria vem realizando um papel importante na redução da violência e na organização de entidades sociais.

Comunitárias

Justificativa para repreender Para a Abraço- Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária -, a campanha, além de inverdades, traz algo grave: o apoio da Anatel- Agência Nacional de Telecomunicações. No início do ano, a Anatel e o Ministério receberam um processo da Abert, por omissão na fiscalização das rádios, razão pela qual a agência investiu US\$ 48 milhões na aquisição de equipamentos “para identificar e reprimir rádios clandestinas”. A Abraço considera a liminar da Abert a “justificativa que a Anatel precisava para o gasto de milhões de dólares em aparelhos de repressão”. As

rádios comunitárias são regularizadas no país pelo Ministério das Telecomunicações. A campanha da Abert gerou o repúdio dos deputados Fernando Ferro (PT-PE), e Walter Pinheiro (PT-BA), que compõem a Frente Parlamentar em Defesa das Rádios Comunitárias. Eles consideraram antidemocrática a atitude da Abert. “As emissoras que compõem essa entidade são concessionárias de espaços que pertencem à União, e não são proprietárias dos espaços e muito menos dos outros que não foram cedidos. São emissoras comerciais e, para elas, o governo tem uma política própria. Não podemos aceitar que o poder que elas possuem seja utilizado para coibir a expressão de emissoras de menos recursos”, afirmaram.

De olho no Paraná

Notícia veiculada em 1º de fevereiro, em *O Estado do Paraná*, diz que o Grupo RBS deve, até o final do ano, adquirir um veículo em circulação, ou mesmo lançar um novo jornal no Paraná. Ano passado, circulavam rumores de que o grupo presidido por Nelson Sirotsky adquiriria o jornal *O Estado do Paraná*, o que acabou originando o manifesto do sindicato patronal contra a

vinda de empresários “alienígenas” ao Estado.

Por ora, a RBS concentra-se na criação do seu terceiro jornal no Rio Grande do Sul (já possui o *Zero Hora* e *O Pioneiro*). Será um diário popular, que deve circular já no primeiro semestre, em concorrência a um produto semelhante da rival Rede Pampa de Comunicações, afiliada à Record e ao SBT.

Sem vales

Alegando cortes de despesas e, de certa forma, para compensar o reajuste obtido pelos jornalistas em novembro passado, a *Folha do Paraná* suspendeu em janeiro a distribuição de vales-refeição aos seus funcionários. Isso representou uma perda de 8%, em média, do salário recebido pelos jorna-listas.

Novo jornal

São fortes os boatos de que a *Gazeta do Povo* deve lançar um novo jornal em Curitiba. A *Gazeta* estaria estudando a criação de um veículo mais popular, para disputar espaço com a *Tribuna do Paraná*. Ano passado, a *Gazeta do Povo* adquiriu o *Jornal de Londrina*, para disputar o mercado no Norte do Estado com a *Folha de Londrina/ Folha do Paraná*.



Maigüe Gueths

"Febre" dos bebês 2000 acontece entre os jornalistas

Alice, Anna Luna, Isadora, Maitê, Paula, Olívia, Helena, Eduardo, Gabriel, João Daniel, Paulo Gabriel, Pedro, Thiago e Tiago. Esta pequena turminha de sete meninas e sete meninos prometem agitar a rotina de muitas redações de jornal, televisão e de assessorias de imprensa de Curitiba. É que todos são filhos de mães e pais jornalistas que, ao que tudo indica, resolveram dar razão às previsões e terem bebês no ano 2000.

Anna Luna, filha do fotógrafo Denis Ferreira Neto (O Estado do Paraná) e da pedagoga Sílvia Cristina Trauczynski, não conseguiu esperar e resolveu ver a virada do Ano do lado de fora. Com previsão de nascimento para o início de janeiro, chegou em 28 de dezembro, aprontando sua segunda surpresa aos pais. A primeira foi a própria concepção, uma vez que Sílvia e Denis, que já têm um e três filhos, respectivamente, nem pensavam em ter mais bebês.

A idéia de fazer uma matéria com jornalistas, homens e mulheres, que esperam pelos seus filhos, não foi proposital. Na verdade, a idéia surgiu em meio a uma reportagem para a Folha do Paraná sobre o aumento – ou não – no número de nascimentos no ano 2000, como previa a mídia em geral. A matéria quase furou. Em Curitiba, ao que tudo indica, os nascimentos não devem cerscer no novo milênio. Já entre os jornalistas, o ano 2000 parece ter chegado com muita fertilidade.

Quando a matéria foi publicada na Folha do Paraná, bem mais reduzida, só Anna Luna tinha nascido. Quase três meses depois, Alice, Paula e Olívia também já dão trabalho a seus pais, acordando-os à noite, pedindo mamadeira, exigindo troca de fraldas. Por outro lado, os pais e mães corujas sorriem à

toa. O mais interessante, é que esta concentração de bebês no primeiro semestre de 2000 foi mera coincidência.

A repórter esportiva da TV Iguazu, Andréia Pereira Zeni e o dentista Marco Antonio Zeni, são os únicos entre os 14 casais que planejaram o nascimento do bebê para 2000. "Sempre pensei em ficarmos juntos dois anos antes de engravidar, mas meu marido preferiu esperar para que nascesse no ano 2000", diz Andréia. "Este é um momento marcante, que traz uma energia boa, como se zerassem as coisas ruins e o ano começasse com coisas boas", explica Marco. E assim vai ser. É só torcer por Thiago, que chega em abril.

Pensando no futuro

Mesmo quem não planejou, está gostando da idéia de ter o filho no ano 2000. "Não muda muita coisa, mas ele vai nascer num ano em que a humanidade toda estará pensando no futuro", diz Adriana Sekulic, da Excom Assessoria. Casada também com um jornalista, Arthur Carlos Rosa, da Gazeta Mercantil, ela espera Gabriel para julho. Sua xará, Adriana Ribeiro, editora da Folha do Paraná, terá o seu Pedro, um pouco antes, em junho. O marido, o vendedor de carros Flávio Alberto de Andrade, queria um filho há tempos, mas ela sempre adiou a idéia em função do trabalho.



Denis Ferreira Neto

Para alguns jornalistas a gravidez no ano 2000 traz "uma energia boa"

"Nascer em 2000 vai ser uma coincidência, mas é um ano muito bonito", diz Adriana.

O casal de jornalistas Patrícia Moskwy, que trabalha na CNT, e Norberto, da TV Paranaense, quis saber do sexo do bebê só na hora do nascimento. Helena nasceu em fins de fevereiro, como estava previsto por Patrícia. A caçula das jornalistas grávidas, Josiane Coutinho Ritz, tem 25 anos, trabalha no Jornal do Estado, é casada com o músico Rodrigo Panzone e também espera a menina Maitê para julho. "Na minha família, o bebê vai ter um papel muito especial, porque meu pai morreu há um ano e ele vem tirar esta tristeza da família", conta.

Casados há dois anos, os

fotógrafos Michel Willian dos Santos e Simone Franco esperam João Daniel para o início de março. "A gente já queria um filho no ano passado, mas no fim só deu certo para 2000", diz Simone, curtindo sua primeira gravidez. Igual sensação tem Cristiane Rangel, que trabalha na Secretaria de Comunicação do governo e espera a menina Isadora para abril. Apesar de recém-separada, ela diz que o bebê foi planejado. "Ano 2000 ou não, estava na hora de eu ser mãe", fala.

Pegos de surpresa, os jornalistas Valdir Cruz, professor na Tuiuti e Cláudia Gabardo, assessora na Secretaria da Criança, ainda estavam curtindo o primeiro filho, Francisco, hoje com 2 anos e 9 meses, quando souberam da gravidez. "Eu nem pensava em ter outro filho. Também não sou mística e não vejo nada de especial no ano 2000", diz Cláudia, que desde meados de fevereiro já segura Olívia nos braços. No mesmo mês chegou Paulo Gabriel, filho da médica Margaret Gomes de Sena e do jornalista Eduardo Comassetto. "Estamos achando bonito ele nascer neste ano", diz Eduardo. Mira Graçano da TV Paranaense, casada com Jairo Oliveira também pensa assim. "É uma feliz coincidência, pois eu já estava até fazendo exames para ver porque não engravidava. Acabou sendo uma surpresa bem melhor do que se a gravidez tivesse dado certo há dois

anos", fala, enquanto Tiago, esperado para abril, ainda não chega.

Outra que não vê a hora do bebê nascer é Elvira Cristina Fantin Prezepiorski, casada com o engenheiro eletricitista Jean Carlo. "O bebê estava sendo planejado há tempos, mais em função da minha idade. O fato de nascer em 2000 é mais um motivo especial para comemorarmos o ano novo", diz Elvira que, enganada por uma ecografia, até os seis meses esperava por Amanda. "E agora? Eu já tenho várias roupinhas de menina?", perguntava ela, depois que uma nova ecografia deixou bem nítido a chegada de um menino, Eduardo.

O presidente do Sindicato dos Jornalistas, Emerson Castro e a bibliotecária Isabel Oliveira também já riem á toa com a pequena Paula. "Nascer em 2000 não faz diferença, mas tem um certo charme. Só acho que é um momento em que se fala muito no futuro e eu me preocupo em saber como vai ser o mundo quando ela crescer". Mônica Kaseker, pauteira da Folha do Paraná, responde o questionamento de Emerson. "Acho que esta geração é especial porque os pais têm uma responsabilidade muito grande de cuidar para que sejam seres humanos melhores, que cuidem do meio ambiente, que sejam solidários e mais humanos. E isto depende de nós". Casada com o publicitário Odil Miranda Ribeiro, ela sonha com um País de Maravilhas para a sua Alice, que chegou em 2 de fevereiro.

Maigüe Gueths é jornalista da Folha do Paraná e do Sindicato dos Bancários além de ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas.



LIVRARIA DO CHAIN - EDITORA

Fone: (0..41) 264-3484 - Fax:(0..41) 263-1693



Rua General Carneiro, 415 - Curitiba - Pr - Cep 80060-150



Diploma de Otário

Cláudio Dalla Benetta

Quando me formei, em 1977, pela então Universidade Católica do Paraná, ganhei dois diplomas: o de Comunicação Social e o de Otário. Com o de Comunicação Social, estava legalmente apto a exercer atividades nas áreas de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas. Optei pela primeira.

Já o D.O. (Diploma de Otário) foi pelos três anos de mensalidades pagas quase em dia, para aprender uma porção de teorias que pouco me serviram. E por um pingão de aulas práticas que, na prática, também pouco me ajudaram.

Non-sense na aula prática

Para as tais aulas práticas, não havia laboratórios com máquinas de escrever (os micros de então), não se aprendia a fotografar ou a editar uma matéria para rádio ou televisão. Vez por outra, éramos obrigados a nos deslocar da Católica até a Federal, que ao menos tinha laboratórios. Precários, claro. Precaríssimos, para ser preciso.

Uma aula prática de radiojornalismo, lá na UFPR, beirou o *non-sense*. Como o gravador que usaríamos para fazer entrevistas pifou, o professor sugeriu “fazermos de conta” que tudo estava sendo gravado. E fez de conta que aprendêramos alguma coisa e nos deu a nota real por um aprendizado virtual.

Três anos pela janela

Foram três anos de curso (felizmente, na época, “aprendia-se” em menor prazo). Com um mês numa redação, pude jogar pela janela quase todo o aprendizado de três anos. Zerado, passei então a ter noções de jornalismo. E até hoje estou aprendendo com a prática, porque a profissão é dinâmica e não permite que se pare no tempo ou no espaço.

Ao longo desses 23 anos de diplomado e de 24 na profissão, convivi com levas de recém-saídos de bancos universitários. A maior parte, com o D.O. na mão ou na testa, porque estudaram em cursos de universidades particulares. Outros, sem o D.O., porque o Diploma de Otário ficou com a sociedade, que arca com os custos

de cursos que não ensinam nada.

A reprovação dos cursos

Não foi surpresa para quase ninguém que o MEC tenha reprovaado os cursos de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, da PUC e da Tuiuti. A reprovação foi pelo conceito insuficiente do currículo e das instalações. Os professores

vontade de aprender rápido. E demonstrar no mínimo um certo dom para a coisa.

O resto é ter a certeza de que nunca vai ficar rico e de que, sem paixão, não há jornalismo de fato, há no máximo um jornalismo insuficiente como os cursos da PUC, da UFPR e da Tuiuti.*

E o diploma?

Ah, sim, se sou contra ou a favor do diploma para exercer a profissão? Digamos que fico em cima do muro. O diploma não garante nem o bom e nem o mau jornalista, mas pode impedir um pouquinho só o aumento no volume de picaretagem.

Que se exija o diploma, então, eu diria. Mas o de jornalista, não o de otário.

Gazeta de cara nova

A Gazeta do Povo agora está com a cara que merecia. Perdeu o jeitão provinciano, finalmente. Mais que isso: surpreendeu pelo projeto ousado. Estou curioso para ver a edição de domingo (escrevo na quinta, 17 de fevereiro), que era a mais problemática. Não fica nada a dever aos grandes jornais do País.

Mas a mudança, embora importante, não é o que chama mais a atenção na nova Gazeta. O que se destaca, para olhos mais perspicazes, é o fim da chuva de *press-releases*. Pelo jeito, acabou a festa das assessorias de imprensa. Será o fim dos espaços cativos?

* sobre o assunto, leia matéria na página 7.

Cláudio Dalla Benetta
é jornalista



Nota do Sindicato

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná defende a necessidade da formação universitária para jornalistas. Os problemas identificados nos cursos, no entanto, precisam ser sanados. Pesa nesta convicção o entendimento de que a formação ideal, teórica, prática e, especialmente, a ética jornalística são conhecimentos cujo aprendizado é melhor obtido pela via universitária, mas livre das imposições do mercado de trabalho, atualmente e com raras exceções, uma camisa de força para o bom jornalismo.



Falsos jornalistas viram caso de polícia na região de Cascavel

Em menos de quinze dias, dois casos envolvendo exercício irregular da profissão de Jornalismo e utilização anti-ética de espaços jornalísticos causaram polêmica em Cascavel. O primeiro, em 20 de janeiro, foi a prisão do proprietário da revista Estado e colunista da Gazeta do Paraná, Antonio Almeida, o Magal, por tentativa de extorsão à Prefeitura da cidade. O segundo foi a revelação, em 5 de fe-



vereiro, de duas cartas do cirurgião-dentista de Toledo, Valdir Konzen, que se suicidou em 23 de janeiro, relacionando seu ato às chantagens do colunista Sérgio Ricardo, igualmente da Gazeta do Paraná, e do fotógrafo Carlos Mini Rodrigues, que trabalha para Sérgio na coluna. Os dois casos foram parar na polícia.

A prisão de Magal foi em flagrante e aconteceu quando recebia R\$ 5 mil da Prefeitura, referente à primeira parcela de R\$ 50 mil exigidos por ele para não espalhar na cidade panfletos contra o prefeito Salazar Barreiros (PPB). Para provar a extorsão, Julio César Fernandes, assessor de Comunicação

Social da Prefeitura, gravou às escondidas seu diálogo com Magal, em fita de vídeo. Na conversa, o colunista afirma que se recebesse dinheiro da Prefeitura não soltaria os panfletos. "A garantia é que, se acertar com você não vou largar nada. Eu quero mais é acertar...", disse o colunista. Preso, Magal se defendeu, afirmando que estava apenas pedindo verbas publicitárias para sua revista. Ele irá responder inquérito policial em liberdade, por possuir trabalho e residência fixos.

Notas e morte
Já o caso de Sérgio Ricardo é consequência da

tragédia que se abateu sobre o cirurgião-dentista Valdir Konzen no início do ano, que culminou com seu suicídio em 23 de janeiro. Ele deixou duas cartas explicando que perdera a vontade de viver, após seu nome ter aparecido na coluna de Sérgio Ricardo, em cinco notas, que insinuavam estar o dentista mantendo um caso homossexual. "Estou desesperado e desacreditado na vida! Estou com todas as minhas faculdades mentais normais. Ok. Porém estou sendo vítima de calúnias totalmente infundadas de um porco chamado Sérgio Ricardo e "Mini" (...) Nunca fiz o que

se comenta", escreveu Konzen em uma das cartas.

As duas cartas foram entregues pela esposa de Valdir, Elizabete Konzen, à Polícia Civil de Toledo, para que apure se as notas do colunista induziram ao suicídio. O colunista Sérgio Ricardo defendeu-se, negando que tenha praticado a cirurgia e dizendo que nunca conversou com ele

ou citou seu nome na coluna. Esse argumento, contudo, não isenta Sérgio Ricardo da acusação de ter induzido ao suicídio do dentista. Jornalistas de Cascavel afirmam que as notas publicadas davam indícios que ele referia-se a Konzen.

O colunista não goza de boa reputação junto aos jornalistas da cidade. Ano passado, alguns jornalistas chegaram a fazer nota de protesto, por Sérgio Ricardo ter sido convidado a um tradicional jantar, que é oferecido à classe pela Associação Comercial.

Sindicato reage contra "ilegais"

Os dois casos de Cascavel enfatizam a atenção especial que o Sindicato dos Jornalistas vem tendo para com os veículos de comunicação daquela cidade e região. A exemplo do que ocorreu em Ponta Grossa, Curitiba e Foz do Iguaçu, a entidade está concluindo um levantamento sobre quem são e quantos são as pessoas em situação irregular, que trabalham na imprensa local.

Em nota oficial, enviada à imprensa de Cascavel, o Sindicato pronunciou-se sobre os casos "escabrosos" e lembrou que "vem fazendo levantamentos e denúncias sistemáticas à Procuradoria do Ministério do Trabalho, sobre todos os casos de empresas que contratam de forma irregular pessoas sem registro no Ministério do Trabalho, portanto sem condições de exercer a profissão".

Na Nota o Sindicato ressaltou, ainda que a comunidade de Cascavel deve refletir sobre o nível do conteúdo do que é publicado na imprensa da região, e apoiar o bom jornalismo. "Jornal ou revista que abriga matérias sensacionalistas, sem ética e que não respeitam a integridade das pessoas - e, portanto, não respeita a sociedade e o leitor -, precisam mofar nas bancas, ou servindo simplesmente para embulhar peixe". Sobre os casos em questão, a nota do Sindicato é enfática: "somente a polícia pode e deve estabelecer inquérito para apurar as devidas responsabilidades".

Racismo contra jornalista em Londrina

A jornalista Vita Guimarães, da Rádio Paiquerê, de Londrina foi agredida verbalmente, sendo chamada de "negra suja" pelo secretário da Prefeitura de Londrina, Sidnei de Oliveira. O incidente ocorreu quando a jornalista cobria uma manifestação de populares em frente a Câmara Municipal daquela cidade, em 29 de fevereiro. No dia se-

guinte ao incidente, Vita registrou queixa-crime contra o secretário na 10ª Subdivisão Policial de Londrina.

Profissional experiente, com 30 anos de atividades, Vita Guimarães diz ter ficado indignada com a ofensa do secretário, não por ter mencionado a raça negra, mas por ter falado dela de forma pejorativa. A seu favor, o fato da

cena ter sido presenciada por populares e o representante comercial Vandercy Garcia ter se colocado à disposição para testemunhar na Justiça.

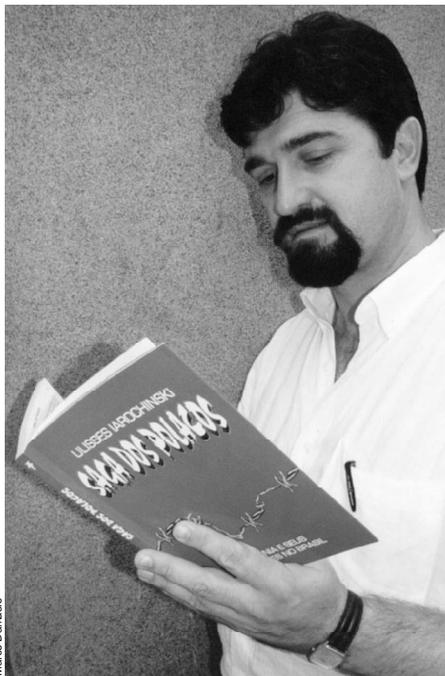
O secretário negou a acusação, dizendo ter durante a manifestação questionado com a jornalista a imparcialidade da imprensa.

O Sindicato dos Jornalistas de Londrina também se pro-

nunciou sobre o caso. "O secretário Sidnei de Oliveira, que participa de manifestações de defesa do prefeito Antonio Bellinati, acusado de corrupção, deveria se lembrar de princípios básicos de democracia e de respeito às regras de relacionamento humano e social. A jornalista Vita Guimarães apenas cumpria sua função profissional".



A odisséia polaca de Ulisses



Marco Damásio

Para Iarochinski, Saga dos Polacos é consequência de página na internet

Ulisses Iarochinski lançou em 15 de fevereiro seu primeiro livro. “Saga dos Polacos- a Polônia e seus emigrantes no Brasil”, mais que uma reportagem sobre a história daquele país, suas tradições e personalidades, traz um relato importante da imigração ao Paraná, iniciada em 1871, e que fez hoje do Estado a segunda maior comunidade polonesa do mundo fora da Polônia, atrás somente da comunidade de Chicago.

O livro de 150 páginas é resultado de uma total imersão de Ulisses à cultura e história dos seus antepassados. O embrião surgiu em 87, quando ele trabalhava no Jornal do Estado e fez a série de reportagens “A Curitiba que eu sou”, entrevistou representantes de diversas etnias. Segundo ele, foi enquanto escrevia e pesquisava sobre os poloneses que “descobriu-se” polaco. Em 92, o jornalista criou e

apresentou “Polska”, programa que foi ao ar por um ano na TV Educativa.

Após essas experiências, Ulisses ficou distante do tema. Especialista em segurança no trânsito, dirigiu seus esforços a essa área. “Fiz uma página na internet só de segurança no trânsito. Um dia, recebo um e-mail de um professor da USP, que estava fazendo tese de doutorado sobre migrações para o ano 2000. Como viu meu sobrenome e a cidade de Curitiba, perguntou se eu possuía algo sobre a imigração polonesa”. Essa consulta, um tanto insólita, reabriu as portas do sentimento polaco de Ulisses, que não perdeu tempo. Construiu um site na internet, já com o nome “Saga dos Polacos”, o primeiro sobre o tema em língua portuguesa e que tem recebido, cerca de 50 visitas por dia: 3 mil vezes mais que o de trânsito.

Versão da internet

“Não deixa de ser curioso, mas o livro é uma versão do site”, diz Ulisses. É mais que isso. Para escrevê-lo Ulisses teve de empreender uma odisséia em busca de informações. Ele leu e analisou os dois jornais poloneses de Curitiba (“Sto Lat”, que é redigido por Boleslau Sliviani, e “Gazeta Lud”, de Mieceslau Surek, ambos jornalistas). Pesquisou na Biblioteca Pública do Paraná, no Instituto Histórico e Geográfico e na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro. Teve acesso a obras de autores poloneses residentes em Curitiba e de cidades como Brusque, em Santa Catarina, e Guarani das Missões, do Rio Grande do Sul. O jornalista visitou, ainda, cartórios de várias cidades e fez entrevistas. Por fim, recebeu apoio do Consulado Polonês de Curitiba, que cedeu-lhe livros e informações adicionais.

O resultado é um guia para quem procura informações diversas sobre o universo polaco, da história do país, à culinária e à dança. O ponto central, contudo, é relato de sacrifício e dor: a da chegada de 5.500 famílias polacas a Cruz Machado, em 1911, que culminou com a morte de quase um terço deles, por tifo, em menos de um ano. “Esse relato é inédito e nunca foi registrado em livro no país”, explica Ulisses. Outro aspecto importante: o sentimento polaco do autor e sua crítica ao fato de muitos descendentes considerarem-se “polônicos”- e com isso acharem-se nobres e inteligentes -, porque de polacos eram chamados os vagabundos e as prostitutas loiras do Rio de Janeiro. “Eu sou polaco e tenho orgulho disso”, diz Ulisses, que revela ser ainda forte a discriminação contra o termo polaco, a partir da própria comunidade polo-nesa.

Ulisses lança-se à árdua e não menos nobre tarefa de divulgar o livro. Estão programados lançamentos em cidades do Sul do país. O jornalista aposta que “Saga dos Polacos” possa tornar-se modelo para os descendentes de poloneses, por diversos motivos. “Nele tem até a relação de todos cartórios da Polônia e quatro modelos de carta, escritos em polonês. Isso, porque em 2001 a Polônia fará parte do Mercado Comum Europeu e os descendentes poderão voltar a ser poloneses”, explica o jornalista.

Os interessados em adquirir “ Saga dos Polacos” podem entrar em contato com Ulisses Iarochinski através do endereço eletrônico saga@xmail.com.br

helvética



Jornalista sofre agressão e atentado em Toledo

O jornalista e radialista Sadi Nunes da Rosa, da Rádio União Toledo, sofreu dois atentados à sua integridade física em fevereiro, por denunciar a falta de transparência na administração do Conselho Municipal de Segurança de Toledo.

Em 1º de fevereiro, ele recebeu um soco do presidente do Conselho, Walmir Grande, na sala da Superintendência da 20ª Delegacia, fato que acabou sendo noticiado pela imprensa local em 3 de fevereiro. Na madrugada do dia 4, sua residência foi alvo de dois tiros, que atingiram a janela do seu quarto. Os disparos foram feitos por um motoqueiro não identificado, às cinco horas da manhã.

Sadi considera que a agressão e o atentado são casos correlatos. Segundo o jornalista, o seu problema com Walmir Grande teria começado a partir de uma brincadeira, quando este estava acertando a contratação de um funcionário, que anteriormente havia entrado na Justiça contra o Conselho. “Não sabia da contratação e, como meu relacionamento no 20º SDP é muito bom, entrei



no papo de brincadeira. Nisso Grande, furioso, partiu para cima de mim, desferiu um soco no rosto e deixou o local”, conta Sadi. O jornalista havia denunciado em seu programa de rádio o atraso no repasse dos salários aos funcionários do IML e de apoio à Polícia, mesmo com os valores sendo pagos em dia pelo município.

Outras denúncias: o pagamento pelo Conselho sempre vinha com cheques de terceiros, nunca em cheque de conta bancária do Conselho, e o mandato da diretoria do Conselho venceu e há um ano a entidade não realiza assembleias. O jornalista registrou queixa e comunicou a agressão a colegas, que publicaram a

notícia na Gazeta de Toledo, em 3 de fevereiro, e no Jornal do Oeste, em 4 de fevereiro.

Tiros no quarto

Foi na madrugada de 4 de fevereiro, cinco minutos antes de acordar para ir à emissora, que Sadi foi alvo de atentado em sua casa. “Os vizinhos, inclusive três policiais militares, ouviram os disparos e uma moto arrancar em alta velocidade, mastodos, inclusive eu, imaginamos que os tiros tivessem sido efetuados na rua. Somente ao meio dia a minha esposa descobriu que as balas atingiram a janela”, informou Sadi. Ele entregou os projéteis à Polícia Civil, que ainda não possui pistas que indiquem a

autoria do atentado.

Procurado pela imprensa para falar sobre o atentado, Grande disse ao Jornal do Oeste que é um “homem que anda com o espírito desarmado” e que não tinha motivos para tal ato. Para os órgãos de comunicação da cidade, exceto à rádio em que Sadi trabalha, Walmir Grande pediu publicamente desculpas ao jornalista. “A mim não procurei até o momento, embora a direção da emissora tenha insistido para que venha se manifestar”, explicou Sadi.

Por conta das denúncias de Sadi sobre o Conselho, a União Toledana das Associações de Moradores (UTAM), que tem direito à vice-presidência do Conselho de Segurança, está mobilizando as demais entidades que integram o órgão, para exigir eleições e regularizar a administração do mesmo.

O Sindicato dos Jornalistas, atendendo a uma solicitação de Sadi, expôs o caso por meio de correspondência ao secretário de Segurança Pública, Cândido Martins de Oliveira.

Não foi agora

Odone Fortes Martins, proprietário do Indústria & Comércio, não recebeu o Título de Cidadania Honorária de Curitiba, em 10 de março, como estava previsto. Alegando motivos de força maior, ele solicitou a mudança da solenidade para junho.

Garantia de vida

O jornalista Ricardo Noblat, “ombudsman” do Correio Brasiliense, pediu garantia de vida à Polícia Federal. Segundo o jornalista, a solicitação teve como motivo agressões sofridas por dois de seus filhos, sentidas por Noblat como represálias por suas críticas ao governador Joaquim Roriz e ao senador Luiz Estevão.

“Barriga”

Uma nota publicada pelo jornalista Cláudio Humberto, na Tribuna da Imprensa, em 29 de janeiro, e reproduzida no Jornal da Comunidade, de Brasília, e na Folha do Paraná, afirmava que Beth Costa, presidente da Fenaj-Federação Nacional dos Jornalistas não teria registro profissional regular.

Cláudio Humberto baseou-se na relação dos jornalistas cujo registro poderiam ser cancelados, publicada no Diário Oficial da União pelo Sindicato do Rio de Janeiro, em conformidade com a portaria 548 do Ministério do Trabalho. Na lista estava o nome da repórter-fotográfica Elisabeth Guimarães Costa, que não é a mesma Beth Costa, presidente da Fenaj, cujo nome e número de registro foram publicados no dia 26.01.98, na página 153.

Jornal é censurado em Araucária

O jornal Impacto está proibido de publicar qualquer reportagem, ilustração, charge ou mesmo mencionar o nome do prefeito de Araucária, Rizio Washowicz. A medida liminar foi tomada pelo juiz Renato Braga Bettega, da 1ª Vara Civil, atendendo a ação de autoria do prefeito, imitada em 16 de fevereiro. Segundo análise do juiz, o jornal teria “abusado de seu

direito de informar, ingressando na seara da vida particular dos autores, desrespeitando-os”.

A censura foi comemorada pelo prefeito, que reuniu a imprensa em uma tumultuada entrevista coletiva. Agressivo nas respostas, Washowicz disse que a “imprensa tem de saber até onde ela pode ir”. O jornalista Luiz Fernando Fédeger, responsável pelo Impacto,

acredita que a censura foi uma reação à página de humor do jornal, na qual o prefeito era personagem cativa, além de ser um artifício de Wachowicz para evitar um desgaste maior de sua imagem. “É ano eleitoral”, lembra o jornalista.

“O problema não é parar de falar mal do prefeito”, considera Fédeger. “É que ações como essa podem abrir precedente. Antonio Belinati (prefeito de

Londrina) pode ser favorecido, como todos os outros prefeitos com irregularidades. É a antecipação da lei da Mordça, o que é flagrante desrespeito à sociedade”.

O Sindicato dos Jornalistas reconhece que existem problemas de ordem ética no Jornal Impacto e não faz aqui sua defesa. No entanto, condena a liminar, considerando-a uma afronta à liberdade de imprensa.



imprensa alternativa

O "nanico" Muito +

O jornal "Muito+" existe há sete anos em São Paulo e, como é comum na imprensa alternativa, sem que seus editores saibam "se" ou "quando" irão editar o próximo número. A carência de patrocinadores para um jornal declaradamente de esquerda fez com que o "Muito +" tivesse até o momento uma presença acanhada no mercado editorial, com periodicidade irregular e circulação restrita aos seus mil assinantes. Agora, a cooperativa de jornalistas que produz o "Muito +" quer que o jornal saia da toca, ganhe as bancas e amplie sua circulação a outros estados, entre os quais o Paraná.



Reprodução

Em dezembro do ano passado, o editor Carlos Magno Borges esteve em Curitiba para

acertar os detalhes da divulgação do jornal no Estado e apresentá-lo a jornalistas. "O nosso público é basicamente de educadores, sobretudo de primeiro e segundo graus, que utilizam o jornal como material de sala-de-aula", informou Borges. Criado em 92 por um grupo de jornalistas desempregados, o "Muito +" representou no primeiro momento uma perspectiva de sobrevivência. Hoje ligado a uma cooperativa de trabalhadores de diversas áreas, ele possui uma equipe de 6 pessoas e colaboradores ilustres, como Frei Betto, Ignácio de Loyola Brandão, Plínio Arruda Sampaio, José

Castello, Mino Carta e Rubem Alves.

Um dos aspectos do "Muito +" é o seu envolvimento com temas relativos à cidadania e na divulgação das ações do Movimento Nacional pelos Direitos Humanos. "A gente trabalha muito isso, porque o jornalista tem papel social e o nosso jornal é para formadores de opinião pública. A gente quer intervir no processo social", explicou Borges.

Em Curitiba, os interessados em assinar a "Muito +", podem entrar em contato com Irânio Natalício dos Santos, pelo fone 323-6523.

rádio corredor

O jornalista Nelson Cornel, de A Tribuna do Paraná, comemorou em 10 de março seus 50 anos de jornalismo. Nelson é quase um símbolo do esporte no Paraná e um apaixonado pelo futebol amador.

A maior movimentação de jornalistas neste início de ano ficou por conta dos cursos de comunicação. Na UFPR, Luis Witluk dará aulas de Radiojornalismo. João Somma Neto, o titular da cadeira, pediu afastamento para cursar doutorado.

Clóvis Augusto Mello assumiu a coordenação da Uniandrade. A instituição contratou, ainda, Celsina Favorito, Nádia Fontana, Regina Beraldi, Eugênio Torres e Paulo Cajazeira como professores.

As jornalistas Luciana Panke e Liriam Sponholz, que estavam na Uniandrade, dão aulas agora da Tuiuti. Luciana, além de professora, é hoje pauteira da CNT.

A Tuiuti tem ainda outros novos professores: Fabrício Binder, Cinthia Schneider e Roberto Nicolato.

Cláudia Quadros e Mônica Fort são as novas professoras da Unicenp.

Na recém-criada Unipar, em Cascavel, estão Graça Milanez, Cláudia Belizze Jawsnickier, Sílvia Ricardo Demétrio e Paulo Humberto Porto Borges. Como professores adjuntos, há dois jornalistas: Carlos Grüber Neto e Débora Lopez, que deixou o jornal Hoje, de Cascavel.

Na Univel foram contratados Lino Tocafrudo, que é coordenador do curso, mais Luiz André Correia Lima e Carmem Lucia

A UEPG também tem professores novos: Kelly Prudêncio e Victor Kolkening.

A Faded, de Pato Branco, além de Glaise Palma, que é a coordenadora do curso, terá como professores os jornalistas Ilka Vitorino, Jeanine Guedes e Nelson Rabello.

A UDC, de Foz, começa suas aulas com quatro jornalistas como professoras: Nalú Silveira, que é também coordenadora, Patrícia Pauter, Maria Letizia Fiala e Mônica Rezende.

Para o quadro de professores da Essei foram contratados Luciane Oliveira, Rodrigo Duarte, Evelise Barone e Edgard Melech, que é hoje o coordenador da Hoylem.

Na assessoria de imprensa a Essei conta com Ana Regina de Oliveira Mello e Lina Satie Higashiyama.

O repórter-fotográfico João Urban teve projeto aprovado pela Fundação Vitae, na categoria Bolsas Vitae de Artes. Ele registrará a Festa de São Benedito, que é realizada anualmente na igreja Nossa Senhora do Rosário, na cidade paulista de Aparecida do Norte.

Adriana Ferronato é a editora-chefe

da Gazeta do Paraná, em Curitiba.

Na Gazeta do Povo foram contratados seis novos repórteres: Cláudia Maria de Carvalho, Cristiano Luiz Freitas, Lenise Aubrif Klenk, Leonardo Fuhrmann, Maria Fernanda Gonçalves e Rogério Galindo.

Deixou a Gazeta o repórter Ivan Alvaro Cardoso dos Santos.

Michele Müller passou a ser jornalista da Folha do Paraná, na editoria de cidades. Ela estava no Shopping Journal.

Regina Kracic Teixeira deixou em dezembro a Folha do Paraná, onde era diretora executiva. Vai dedicar-se mais intensamente à sua empresa, a Oficina de Letras, Editora, Comunicação e Planejamento.

Em O Estado do Paraná, o rosto novo é de Lyrian Saiki. Ela é repórter da Editoria de Cidades.



Ieny Carlos Magno

Bia Moraes volta a trabalhar para o Grupo Paulo Pimentel. A ex-jornalista de O Estado do Paraná está agora na equipe de reportagem de A Tribuna do Paraná.

Marco Asséf voltou a trabalhar em rádio. Na Independência, ele é setorista do Coritiba, clube que torce e do qual já foi assessor de imprensa.

Há um mês foi a aberta em Curitiba a Plus Comunicação. A agência de notícia é das jornalistas Ana Luiza de Souza Silveira, Ariadne Patricia Nunes e Daniela Maria Cangeiro.

Mais de 2000 pessoas visitaram a exposição XIV Mostra de Fotojornalismo e II Mostra de Videojornalismo (foto) promovida pela ARFOC. Aberta em 16 de dezembro, ela deveria permanecer no Memorial de Curitiba até 16 de janeiro. Ficou até o início de março. Agora, a intenção do presidente da entidade, Hirany Carlos Magno, é levá-la ao interior do Estado: Ponta Grossa,

Cascavel e Londrina, mais exatamente.

Um novo site sobre jornalismo está sendo veiculado na internet desde 9 de fevereiro. É o BRNET, que traz em suas matérias sempre uma relação com Brasília. O

Vitória na Justiça

O Colégio Medianeira desistiu do processo que movia contra Lara Sfair, diretora da Imprensa Comunicação e Marketing, em razão da sua participação na divulgação de um "outdoor" criado pela família do menino Emerson Tocafrudo.

O processo foi instaurado em 98 e ganhou repercussão em veículos de comunicação no Paraná. E chegou a ser tema do Núcleo de Assessoria de Imprensa do Sindicato dos Jornalistas, que analisou se um jornalista pode ser processado por ter divulgado algo que tornou-se público, como é uma campanha de "outdoor".

jornalista responsável é Chico Sant'Anna, vice-presidente da FIJ-Federação Internacional de Jornalistas. O endereço é www.brnet.com - <http://www.brnet.com.br>

Acontece em São Paulo, nos dias 6 e 7 de abril o 3º Congresso Brasileiro de Jornalismo Empresarial, Assessoria de Imprensa e Relações Públicas, promovido pela M&A Publicações e Eventos, com apoio da Fena e ABI e revista Jornal dos Jornais. Informações pelo fone: 11-5084-7947

MATERIAL ROUBADO
César Brustolin teve roubado seu equipamento fotográfico, que é composto pelos seguintes aparelhos:

- Canon EOS 1 n (corpo), nº 160248
- Motor (power Drive Booster) E 1 nº 271 436
- Objetiva Canon Ultrasonic EF 28- 105 f/3, 5-4, 5 (preta)
- Objetiva Canon Ultrasonic EF 100- 300 f/4, 5-5, 6 (preta)
- Filtros de proteção UV em ambas as objetivas.
- Flash 540 EZ Cannon Speedlite.
- Bolsa de nylon na cor preta (desbotada).
- Câmara Nikon modelo RF10, com flash embutido e auto transporte e rebobinamento do filme.

Se alguém lhe ofereceu algum destes equipamentos, ou você possui informações sobre eles, por favor, entre em contato com César Brustolin, telefone 350-8395/373-1375.



SALÁRIOS DE INGRESSO

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador,	
repórter fotográfico, repórter cinematográfico	1031,62
Editor	1341,10
Pauteiro	1341,10
Editor chefe	1547,43
Chefe de setor	1547,43
Chefe de reportagem	1547,43

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações; Em julho o menor salário pago nas redações foi de R\$ 973,23. Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas. O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

FREE LANCE

Redação	
Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)	55,48
Mais de duas fontes:	50% a mais
Edição por página	
Tablóide	71,78
Standard	86,01
Diagramação por página	
Tablóide	35,89
Standart	48,97
Revista	26,76
(*) Tablita / Ofício / A4	18,26
Revisão	
(*) Lauda (1.440 caracteres)	14,47
(*) Tablóide	30,22
(*) Tablita	22,83
(*) Standard	63,10
Ilustração	
(*) Cor	85,61
(*) P&B	57,07
Reportagem fotográfica - ARFOC	
Reportagem Editorial	
Saída cor ou P&B até 3 horas	130,52
Saída cor ou P&B até 5 horas	244,72
Saída cor ou P&B até 8 horas	326,31
Adicional por foto solicitada	24,62
Foto de arquivo para uso editorial	195,78
Reportagem Comercial/Institucional	
Saída cor ou P&B até 3 horas	259,61
Saída cor ou P&B até 5 horas	461,90
Saída cor ou P&B até 8 horas	615,70
Adicional por foto	48,97
Reportagem Cinematográfica	
Equipamento e estrutura funcional fornecida pelo contratante	
(*) Saída até 3 horas	71,47
(*) Saída até 5 horas	114,14
(*) Saída até 8 horas	187,62
Adicional por hora	28,53
Foto de arquivo para uso em:	
Anúncio de jornais	424,00
Anúncio de Revista e TV	456,82
Capa de Disco e Calendário	587,35
Outdoor	899,88
Cartazes, Folhetos e Comisetas	293,67
Audiovisual até 50 unidades	619,99
Audiovisual acima de 50 unidades	à combinar
Diária em reportagem que inclui viagem	358,95
Reportagem aérea internacional	à combinar
(*) Hora técnica	57,07

Observações importantes:

A produção (filme, laboratório, hospedagem, transporte, seguro de vida, credenciamento, etc.) é por conta do contratante; Na republicação, serão cobrados 100% do valor da tabela; A foto editorial não pode ter utilização comercial. (*) Novidades na tabela em caráter experimental.

Sugestões deverão ser encaminhadas ao Sindicato através do fax (041) 224-9296 ou Correio Eletrônico: sindjor@sindjorpr.org.br

Novidades na internet

O Sindicato dos Jornalistas desenvolveu um serviço inédito pela internet. É o cadastro para associados, que permite aos mesmos a consulta dos seus dados pessoais e informe as mudanças ocorridas, entrou no ar em fevereiro e vem registrando ótima repercussão na categoria.

Criação de Cosmo Santiago, gerente-administrativo do Sindicato e responsável pela página da entidade na internet, a idéia do cadastro surgiu em razão da quantidade de associados que telefonavam ao Sindicato. Muitos destes telefonemas eram para informar sobre alterações de endereços, ou perguntar a



situação do associado com a entidade, se as carteiras nacionais e internacionais estavam vencidas, ou, ainda, acusando o não recebimento do Extra Pauta. "Como muita gente tem internet em casa ou no trabalho, esse cadastro vem a facilitar essas informações para o associados", diz Cosmo. O cadastro também possibilita que os associados informem ao Sindicato seus endereços

eletrônicos, o que vem a facilitar ainda mais a comunicação da entidade com os jornalistas.

Outro aspecto importante do cadastro é sua segurança. Para alterar a ficha cadastral, o associado tem de informar sua matrícula no sindicato e CPF, o que impede que qualquer pessoa tenha acesso às informações. Isso já não ocorre com o serviço de pesquisa para jornalistas, outra novidade do Sindicato na internet, que pode ser acessada por qualquer pessoa. Basta que se digite o nome de uma pessoa e se terá a informação se ela é ou não jornalista, com registro no Paraná.

convênios

Bares e restaurantes
Descontos de 10% no Bar Brahma (Av. Getúlio Vargas, 234, esquina com R. João Negrão, fone 224-1628), Bar do Alemão (Largo da Ordem, fone 223-2585), Churrasquinho de Gato (Av. Água Verde, 531, esquina com R. Castro, fone 342-5874), Shima Restaurant (Rua Pres. Taunay, 892, fone 224-3868).

Academia Kine
Ginástica, Nutrição e Fisioterapia. Desconto de 20%. R. Mauá, 706 B, Alto da Glória. Fone 253-3841.

Ecco Salva
Preço especial para jornalistas. Os interessados devem entrar em contato com Abel Nascimento, pelos fones 340-8795 ou 914-8503.

Clínica Ao Seu Alcance
Descontos de até 30% sobre a tabela do Conselho Regional de Odontologia. R.

Voluntários da Pátria, 475/conj. 301-A, fone 232-0166.

Psicologia Infantil e Psiquiatria
Descontos especiais para os jornalistas. Informações pelo telefone 336-7308. O fax da clínica é 335-54652.

Good Life
Serviços de Odontologia, Medicina, Fonaudiologia, Fisioterapia, Psicologia e Massoterapia. Descontos e tabelas especiais. Endereços: R. Padre Agostinho, 2800, fone 335-4362 (Odonto e Fono); Av. Silva Jardim, 266, fone 233-2577 (Fisio); R. Padre Anchieta, 1826, 2º andar, conj. 212, fone 335-5954 (Medicina) e R. Princesa Isabel, 927, fone 233-3192 (Psico e Massoterapia).

* Para usufruir destes convênios, os associados devem apresentar a carteira de identidade de jornalista.

Convênio encerrado

Virou o ano e muita gente teve uma surpresa nada boa, quando resolveu assistir aquele filme em casa e usufruir do convênio entre a Blockbuster e o Sindicato. Na locadora, na boca do caixa, alguns jornalistas foram informados que o convênio havia expirado. É isso mesmo: a Blockbuster resolveu suspender unilateralmente todos os convênios, por conta de mudanças na sua administração.

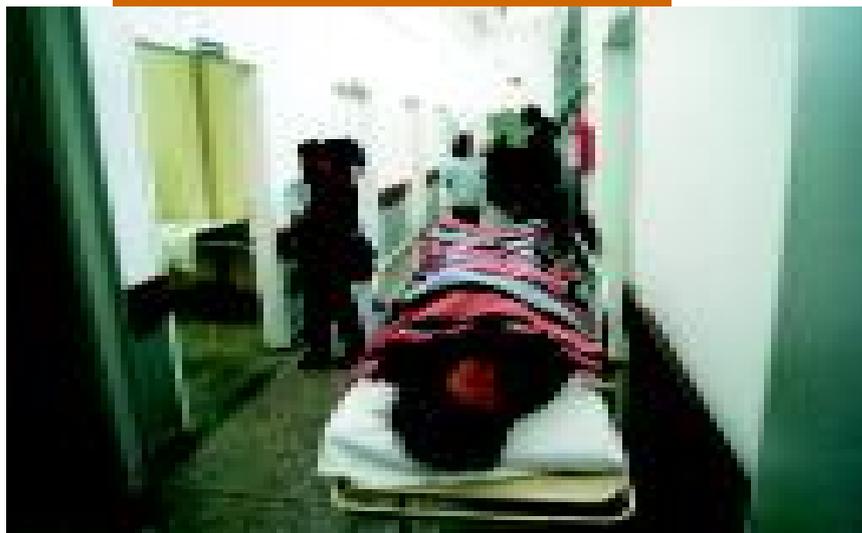
A política de convênios da Blockbuster, segundo a própria empresa, será reavaliada e só poderá ser retomada no final do ano. O Sindicato soube do término do convênio através dos próprios jornalistas, não tendo recebido da locadora de vídeo qualquer informação oficial.

Como boa notícia, o Sindicato estuda propostas de outras locadoras, para firmar convênios semelhantes ao que vigorava com a Blockbuster e que estava sendo consagrado pelos associados em Curitiba.



Mendigos, trabalhadores braçais e sem-terras da região Sudoeste do Paraná ganharam um observador atento. Fábio Conterno foca continuamente seu olhar para a realidade incômoda do país. Repórter fotográfico da Gazeta do Povo em Cascavel, Conterno tem sido também surpreendido pela própria realidade, o olhar esperançoso do sem-terra para a sua bandeira, e a figura quase mítica do mendigo que lhe aparece de quando em quando, em Cascavel. O mendigo que lê jornal em uma praça é o mesmo que está desacordado em uma maca, no corredor de um pronto-socorro. "Foi coincidência", garante Conterno, que diz se surpreender com a realidade, o que é comum. O olhar que se surpreende ou se espanta não é, afinal, uma das condições necessárias a um bom repórter - fotográfico?

A realidade que se



Fábio
Conterno